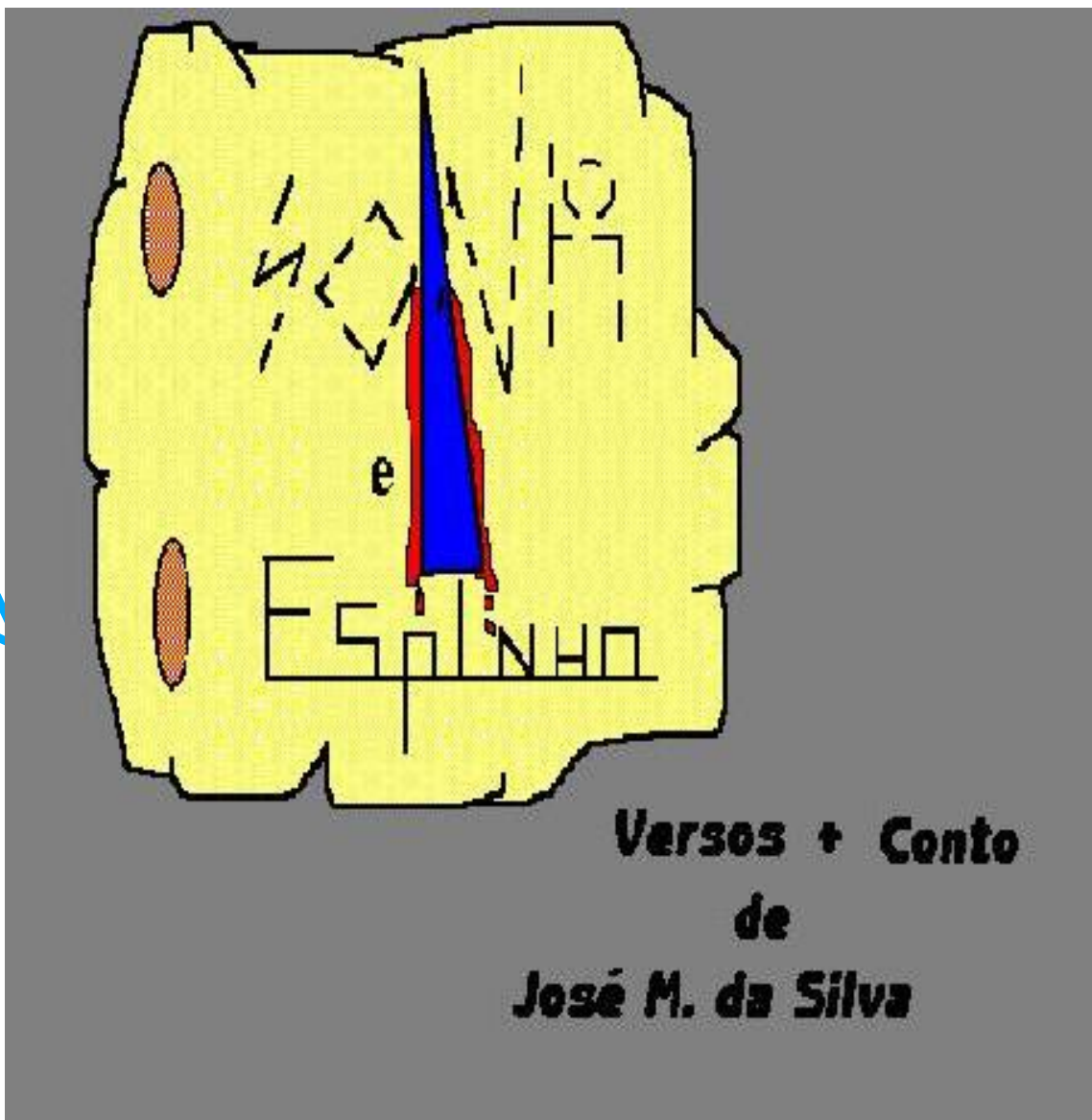


Copy



O Sonho e o Espinho

versos e um conto de
José Manuel da Silva

1997/2002

©

Copyright

Índice

<u>Título</u>	<u>Página</u>
O Sonho e o Espinho	05
Pequena Gramática	06
Epifátuo	07
Carta a Marga	09
Pensando Alto	11
Amor Teoricamente Proibido (Parte I)	12
Bobagem	14
A diferença entre o ácido e o amargo	15
Amor Teoricamente Proibido (Parte II)	16
Clara Coisa Maravilhosa	19
Commiseratio	20
Nefelibata Indevido Incontido Inoportuno Atrevido do Asfalto	22
De Profundis	24
Filosofia Barata Verdade Ingrata	28
Poema Ciberótico	29
Dois Momentos Duas Versões Duas Preocupações	31
Realidade	32
Encontro Fortuito	33
Trovas Um Tanto Quanto Eróticas	34
Augusta Saga De Uma Paixão Irresolvida	35
Viagem de Avião	39
Uma Carta Cifrada Pra André	41
Ligeira Insatisfação	43
Posições	44
Wiggle Room (Um conto ligeiramente estereotipado)	45
Presente	70
Bem	72
Pequeno Sentimento	73
Sambaogoverno	74
Segredo	76
Libera Vita	77
Improviso Vital	78
Shuttle	79
Meros Detalhes da Existência	80
Esgotamento	81
MPB	82
presq'au delà	83
MC Definitiva	84
Sina	86
Mãe	87
Antes do Fim (Não desista de mim)	88
Ainda	89
Ainda Mais Que Nunca	93
500 Anos	95
Personae	97
@mor	98
Saudade	99

<u>Título</u>	<u>Página</u>
Doação	100
Cheverny	101
Amor e Tesão	102
Pra Tu	103
Comentário	104
E Agora?	105
O Tempo e os Amantes	106
UM FAX LIGEIRO E TRIGUEIRO	107
TZPS	109

Copyright

O Sonho e o Espinho

O mundo me fere com espinho
Eu espeto o mundo com meu sonho
Espinho de dor
Do corpo e da alma
Sonho do tempo
Que passa sem calma
Nem bem saí do ovo
E minha mãe morreu
Nem bem nasci de novo
E escureceu
O espinho
Do mundo
Um sonho impossível da vida
O vinho
Fecundo
Desespero de uma consciência perdida
A dor e o sabor
Da mulher e do vinho
O sonho
Que um dia arranca o espinho.

Rio, 1997.

Copyright

Pequena Gramática*(para Cris)*

O plural de quando é sempre
O aumentativo de um é dois em um
Num sexo estranho de dois gêneros impessoais
O verbo amar é abundante
Num antropônimo de segunda pessoa onipresente
Te amo sendo um advérbio de maneira
A preposição que se antepõe à narrativa
O singular da paixão é mim sem ti
É solidão que é oblíqua em caso reto
A redundância do desejo
É te ter
O plural absoluto, sintético e irredutível do amor
É você.

Rio, 1997.

Copyright

Epifátuo

Aqui jazz um pintor de palavras
 Um colorista devasso
 Um atributo ligeiramente rebuscado da existência
 Pensamento desconexo ambulante
 Uma luta eternamente viva pela busca da palavra com o matiz apropriado
 A máxima filosófica em verso safado
 Intolerância dos dizeres comuns dos comuns dos mortais
 Abundância de frases feitas desconstruídas por artifícios banais
 E no mais
 Rimas pobres de sentido, mas prenes de emoção
 A flor da juventude murchando no canhão
 Aqui reside para sempre ostracizado um dizer envenenado
 Impaciência com o marasmo do mundo que demora tanto a se trocar
 São na verdade palavras em cores sobre fundo em preto e branco
 Algo assim como um acrobata manco
 Um quadro pós-pseudo-híper-retro-surrealista de araque
 Linhas amorfaís riscadas sem sabor em uma tela futurista em flashback
 Cores diáfanas dialogando com a sinfonia dos cabarés
 Pois de que vale agora tamanha erudição
 Onde estarão
 As Impressões de todos os renascimentos?
 Aqui se queda cansado um instrumentista frustrado das palavras
 Fauno e vate trovador de uma época antepassadamente precursora de ideias porvindouras
 No fundo um copista
 Um demônio radialista obcecado pelo detalhe da vida
 Pela variedade da vida
 Pela transitoriedade, pela ansiedade das personalidades irrequietas
 Um mi maior apaixonado emoldurado por um pastel agressivo em morbidez ninfética pré-nupcial
 O verso louco
 O grito rouco
 O arrote batismal
 Aqui se exaure um palavrão desconcertado
 Melodia requentada em forno de madeira de lei
 Messias, calabar, judas e agiota da verdade inconcebível
 Estranhamente irreconhecível
 Cassandra assexuada de marmórea ebulição
 Castanha em forma de avião
 Um mar revoltado com aparência de pavão mirando os pés
 Voz estridente entredentes de esparsos orgasmos de absurdo
 Um mudo e grotesco farfalhar de palavras de aluvião
 E quem vai te idolatrar agora comido e deformado pelos vermes?
 Quem te viu não te vê mais
 O crepúsculo obscuro de amores irracionais
 E enquanto isso
 A caravana já nem existe mais
 Aqui se deita amorfinado um gigante de robusta argamassa
 Concreto maleável adormecido, curtido e calejado na paixão
 O gato que o clichê caçou sem cão
 Aqui se esquece de si mesmo um vulcão já de há muito desextinto

Um aborto genial
Uma canção transcendental
Uma viagem em piroga espacial
A amante sensual extasiada em decúbito ventral
Quando o mais divino dos amores se amasia com o espírito carnal
Aqui foi abandonado pelos coveiros do Universo
Um monte de osso e pele envelhecidamente juvenil
O cérebro amansado do vinho Érebo
Ébrio Cérbero dormitando incontinenti in profundis
Aqui jaz um onírico exemplar de céu azul
Interpelado por um girassol esquisito em mar aberto e voo livre
Aqui se desfaz um pedaço da cultura deste século que finda
Mestiça convivência de Belzebu e de Govinda

Rio, 1997.

Copyright

Carta a Marga

A Marga luta pela vida
Por situação mais do que inquerida
Te fizeste uma mulher bonita e triste
Não evitaste
O Desastre
E por mais que te condoas
Por mais que te perguntes ao teu Deus
A resposta te é negada
Com um riso de sarcasmo do incognoscível Criador
Cria-dor
Que rima sem rima
O embaixo sem o em cima
A dor da mãe é indizível
A dor da mulher é mais incrível
Eu conheço a sensação
O dia vira noite de repente
O açúcar se torna sem sabor
O mar, a terra, o fogo, o ar
Tudo é um eterno recordar
Ah se tu soubesses como entendo
A sensação de querer ter em não se tendo...
O que se busca é a resposta
Na crença, na reza, no trabalho, um atalho
Mas talvez não haja bem uma resposta
O rio da vida passa
E passa
E passa
O que realmente importa é a arte de viver
Cozinhar sem ter fogão
Responder sem aguardar explicação
Não há substituto para um amor muito marcante
Não se repõe um filho tão distante
Mas pra quem parte
Há uma coisa, um sentimento, uma energia, um avatar
É uma força
Um presente a se lhe dar
É na própria vida a sã lembrança
A poética necessidade
De tudo
Por ele
Suportar
Sem chorar
Sem se matar, desesperar
(A única coisa que tio Freud disse de importante
É que, no fundo, o que importa é sublimar.
Manipular as sensações, iludir as emoções.)
A morte é um absurdo, um tumulto
Suportá-la é resistir a uma mulher insinuantemente nua
(Ai, clichê, vai estragar tudo!)

Ah Marga
Esta vida
Tão chata e fabulosa, necessária
Por mais que se não queira
Continua.

Um peesse se exige
Alimento a ser forjado
Maybe
O segredo desta vida
A resposta, o tempero
Seja viver longe do amado.

Porque se aprende
Porque se pensa
Porque se analisa a face e o reverso
Mas isso,
Minha amiga,
É assunto pra outro verso.

A morte na verdade é um enorme terreno baldio
Em plena escuridão do em que se transforma nossa alma
Com a saudade de uma perda que não volta
Mas há que povoá-lo
Não de fantasmas corroídos e amargurados
Mas de sonhos
Novos sonhos
Que são no fundo o alimento nutritivo para a ausência da presença que nos falta
Não se chora por quem vai
Resistir e sofrer com altivez e compostura
Com parcimônia e brandura
É antes o artifício, o triunfo
Daquele que não se abate e jamais cai.

Rio, 1997.

Pensando Alto

No fundo eu poderia ser um príncipe
Transformado em gente comum por punição
Se não
De onde esta sensação do já sentido
De tudo tão monotonamente repetido
O presente com sabor de passado no futuro
A dimensão do déjà vu
L'âme morte et nue?
Me sinto velho e por um triz
It can't go on like this
E enquanto isso
O destino caminha pavorosamente em direção ao fim de meus dias
De onde vem essa morbidez
Essa tristeza essa torpeza?
Como explicar o vaudeville desta mente absurda, mordaz e naturalmente peçonhenta e pensamentosa?
A espera
A paquera
Toda mulher é uma quimera
Tento misturar dizeres profundos
E verdades oníricas
Conclusões meditabundas
E o desejo da bunda propriamente
O sério se perverte no jocoso
O povão se regozija lacrimoso
Sic transit gloria mundi
Enquanto a caravana ladra mas não morde
Foi o pouco que restou de meu latim
Possa ser, como diz o meu amigo,
Que o bom mesmo é aprender o futebol
Casar com a gastosa
E ter uma conta poderosa
Na verdade o que diz este poema?
Nada.
É só uma tentativa versejada
De explicar a existência tracejada
Calejada
A poesia de fato é um pensar alto
Um sax em solo dolorido
Obligato gracioso em meio às inúmeras vozes diárias
O pensamento é a essência da poesia
O calor que vai esquentando a chapa fria
Um verso é uma foto da existência
Tirada a esmo
A água da chuva escorre pela calha enferrujada
Meu verso pinga, exausto, de uma mente abarrotada
Ah inspiração abençoada
Me abandonaste à mercê do caos urbano
Não me deixa mais órfão do que sou
E me ajuda a não deixar cair o pano.

Amor Teoricamente Proibido (Parte I)*(To MC)*

Este amor difícil
Impossível
Complicado
Como tem me maltratado
É amor e paixão
Carência e refeição
Afeto e maldade
Tensão e saudade
O amor se explica na intensidade da luz do teu olhar
O sexo se justifica na quantidade que jamais preenche o meu desejo
E no entanto, no fundo, não é desejo nem carinho
É um afago interminável de mãos, pernas e almas gêmeas
O segredo inatingível dos machos e das fêmeas
Para nós o tempo sempre é curto
E só nós podemos compreender o que isto significa de tensão e frustração
Dormir contigo, um sonho inacessível
Somos dois em quatro por acaso
Mas dois em um único coração plausível
Meu desejo é te ensinar
Minha paixão é te querer
Meu sonho é te cansar de me amar
Meu tesão é te morder
Minha maldade é te aprender
Não me importa se és de outro, não o pude decidir
(O ciúme é feito uma navalha que corta devagar
Sinto-me fraco e impotente
Com a espera por aquela migalha de oportunidade
Sinto-me inútil e ardente
Com o absurdo desta tão intrusa fatalidade
E, vês,
Já não digo coisa e coisa
Imagino-te a te despir
A gemer, quem sabe usufruir de gozo autêntico
Por meio de outras mãos igualmente expertas
E minha inveja para aí
Pra não incorrer, muito indiscreto, na mórbida invasão de tua outra privacidade)
Contanto que sempre tires o relógio
Pra que eu tenha a ilusão, embora tosca, inadequada e diáfana
De que o tempo não passa para ti
E que eu possa desfrutar sempre mais um minuto
De teu corpo junto a mi
Queria te dizer em várias línguas
Que te amo e amo tanto e muito amo
E tenho raiva e tenho amor e uma paixão irredutível
Tenho mágoa e tenho sanha e um desejo irreprimível
Jamais vou conseguir rimar o quanto gosto de tua boca
Com a explosão de meu tesão em todos os teus orifícios
Deus, se existe, vira as costas a tão herege compromisso
Um amor pagão na qualidade e sacrossanto, limpo e puro em rebuliço

Tenho sério e forte medo de te entregar mais alguns de meus sentidos
 Na vã espera de que teu coração de mulher, dos primórdios já volúvel
 Como aliás toda mulher
 Que varia o quando o como o quem ela quer
 Tenho um medo insano de te entornar em minhas veias
 Qual vampiro que suga o sangue do amor sagrado grande amor
 Tenho medo de te transformar em meu imprescindível doce e gostoso meu licor
 Sem a certeza de que tua respiração cheira o meu ar
 Meu oxigênio sendo o teu fisiológico respirar
 E pior,
 Receio imensamente me tornar tua rotina inquerida e desquerida
 Quando todo grande amor se esvai no cotidiano repetido, incolor, inodoro e insípido
 Quando se quer ficar longe quanto mais próximo se fica
 Queria poder me alienar do mundo junto a ti
 Que o teu aí fosse sempre o meu aqui
 Sentir teu corpo vibrando com o meu te tocando, acariciando e penetrando
 Sentir tua mente com a minha constantemente se inebriando
 Meu olho o reflexo da luz do teu olhar
 Meu gozo o grito fundo e profundo de teu mais recôndito sonhar
 Ah, se a paixão é tão maldita
 Se for contigo, quero ter a existência mais aflita
 O pecado então será pra mim a recompensa mais bendita
 Teu cheiro está no meu pensamento que não sai de dentro de ti
 Enquanto isso, os dias passam modorrentos
 Fedorentos
 Da ausência de tua voz sussurrando junto a meu ouvido guloso de tua voz
 O amor que marca é o amor que dói
 A paixão que serve é aquela que corrói
 E fim
 E tem que ser assim
 A vida só tem razão se houver uma grande paixão
 Se não
 A vida é parcial, é insentida, é incompleta, irrefletida
 Só a imersão numa grande paixão, de corpo e alma, pode mostrar a inefável necessidade do prazer
 A vida só com desejo tem sentido
 A vida sem teu corpo, teu amor, é desperdício descabido
 Entre não te ter
 E te compartilhar
 Vá lá, que eu seja o outro em meu pranto
 Mas, fique claro, por enquanto.
 Por fim, eu sei que o amor embevece, empobrece, enobrece e embocece
 Mas só pode ter fim aquilo que um dia se comece.
 Nosso caso é teoricamente proibido
 E por isso mesmo incontido
 Talvez por isso deva ser irreprimido
 Mais que tudo, és meu apelo irrespondido.

Rio, 1997.

Bobagem

Por que choro quando vejo um filme?
Pela cena, pelo rosto ou pelo assunto?
Se é tudo falso
Se é tudo mentira
Se é tudo dinheiro...
Por que choro então?
Se não é verdade
Só fingimento decorado...
Imagino a mim mesmo na situação
Jamais rio
Sempre choro
Penso em mim, em quem poderia estar assim
É um absurdo
Uma pura, total, imatura infantilidade
Não se desculpa nem pela idade
Mas é a emoção
Não só da situação
Aquele do artista criador
Valorizando sua própria criação
Deus inveterado, Criador universal da arte que não para jamais
Choro de grave comoção
Choro de inveja, da síndrome do frustrado pseudo-também-montador do castelo sonhador
O cinema é a quintessência do teatro da literatura em produção paramentosa
É a imagem com a poesia
É a coragem da agonia
Uma rima de foto, som e harmonia
Um verdadeiro sanduíche de sentimentos acoplados
E no entanto choro
Às vezes lágrimas, às vezes soluções intermináveis
E no the end uma impotência perante a realidade implacável que me açoita inarredável
O fim do filme um sonho interrompido
Minha reação de adolescente entre o sério e a molecagem
Uma frescura emotiva
Um deslize, um lapso momentâneo
Um descuido, em suma
Mero erro de abordagem
Resumindo
Uma bobagem.

Rio, 1997.

A diferença entre o ácido e o amargo

Não, minha cara
Minha poesia não é amarga
Ela é irreverentemente ácida
Além de coerentemente anti-ácida
Às vezes cáustica, outras propositadamente plácida
O verso amargo é passivo, é o centro de sua própria decantada emoção
Não arrisca, não agride, não influi, não faz é nada
Se conforma com sua triste condição
Se termina em si mesmo, morto-vivo se remoendo de perdão
O oposto inquestionável da paixão
Meu verso não!
O verso ácido transcende o seu círculo de existência
Não se conforma com sua incrível impotência
Ele briga, ele é volúvel, ele intui, ele petisca
Ele atinge, ele agride, ele se infiltra, ele mordisca
A amargura é o azougue dela mesma
A acidez de uma poesia é a cimitarra que não cansa de tentar se enterrar no adversário imaginário
O verso ácido sai dele mesmo e quer participar das mutações deste mundo de tão passivas amarguras
Se coloca a si mesmo em molduras
Ele batalha, ele atrapalha, ele metralha com a navalha
Ele ofusca, ele patusca, ele chamusca com a busca
Ácido verso
Um verdadeiro uni-verso
Meu verso não se contenta em contemplar a própria dor
Ele corrói a si e a todos, para enfatizar o dos outros seu terror
De viver em águas paradas
A amargura é suicida
O meu verso é fratricida
A amargura se esgota em seu pensar, em seu penar
O verso ácido já nasce pronto a fazer elucubrar
Meu verso é forte
É verso macho
É a vida nova que se acende após a morte
Ou mais ou menos isso, é o que eu acho.

Rio, 1997.

Amor Teoricamente Proibido (Parte II)*(To MC)*

Proibir o amor não é como negar água a quem tem sede
 É mais
 É demais
 É um passo atrás
 Proibir a paixão é negar ar a quem tem vida
 É negar vida a quem tem ser
 É negar ser a quem tem alma
 É se impacientar em meio à calma
 O amor é uma figura transcendental de linguagem abstrata porém sentida
 E compreendida
 Nela mesma
 Por quem ama
 Só e só
 É a única língua que despreza da tradução
 É a pura, vital, mais intensa sensação
 É o próprio ser que se manifesta, descomprometido, só para o outro
 Quem ama é egoísta e magnânimo
 Quer só para si e mais ninguém
 Aquilo que só dá ao outro e a nenhum outro alguém
 É a posse desejada
 É a cobrança invejada
 É a vida realizada

 Ah, tanta gente diz que ama
 Mata, esfolta e tortura
 Pune, maltrata, xinga e avilta
 Ah, que isso não é amor, nem carinho, nem paixão
 É um hediondo se enganar
 É um absurdo alienar
 É o do inferno avatar
 Amar é matar o outro de tesão e de afeição
 É sufocar o outro, sem revide, com o próprio sufocar do coração
 É, sem pedido, ter prazer em se imolar
 É, sem voz, falar e cantar com o olhar
 Tanta gente diz que ama
 Morrendo em si e em alguém sem ter ideia do amor
 E tanta gente que ama tanto
 E quer matar alguém de amor
 E que, proibida, morre a vida de seu amor na própria dor
 Aquele que ama de verdade tem um cheiro
 Tem um gemido, tem um andar, tem um falar
 Tem um olhar
 Tem um calor só de quem ama
 Incontestável
 Inconfundível
 Inacessível

O amor foi feito para dois
 Um mais um que é mais de cem no mesmo um
 O amor que é proibido normalmente vira três
 Na matemática incógnita, irreal e inconsequente do tribunal inquisidor de um júri subornado
 O primeiro ama o segundo
 O segundo ama o terceiro
 Impedido e altaneiro
 Qualquer amor mais vagabundo não se esgota
 Em toda a literatura
 Em todo o universo
 Em toda a existência do tempo e do espaço
 O amor é a personificação da tentação bíblica tornada salvação inapelável do único pecado que leva ao
 [paraíso na Terra

O amor é compulsão
 Incontrolável
 Indubitável
 Inelutável
 Ah, que tanto se diz eu te amo
 Quando para se expressar eu te amo não são precisas as vozes
 A energia do corpo de quem ama vibra de maneira diferente
 O ser que ama de paixão é quente
 É criativo
 É inconstante
 É irrequieto
 O amor é eterno mais que a própria eternidade
 Ainda que durante uns poucos momentos de qualquer intimidade
 Porque o amor é íntimo
 É mais penetrante que o raio x
 É tão vibrante que enrubesce até Paris
 É o eu te quero que me queiras sempre mais do que eu te quis
 Pode durar a vida inteira
 Ou um momento em que se reconhece de passagem a pessoa última e primeira
 O verdadeiro amor também pode ser passageiro
 Mas é muito raro que passe do primeiro

Quanta besteira sobre o amor
 Quanta confusão em tantas palavras diferentes
 Afeto, carinho, amor, paixão
 Olhar, afago, beijo, tesão
 Que desperdício de vocábulos
 Se o amor é infinitamente mais plural que tudo isso
 Sendo uma única sensação disparatada e multi-multifacetada
 O amor é maior que a própria dor
 Pois engloba a dor e mais além
 É o ser que ama e mais alguém
 É o ser que ama a mais ninguém
 É o ser que ama sem porém

Amar é morrer três vezes
É se morrer a si próprio quando se descobre a quem se ama
É morrer a cada minuto de prazer no exalar de cada último rugido rouco do espasmo satisfeito da carne
É morrer só, todo e simplesmente ao perder a quem se ama
Mas amar também é nascer três vezes
É nascer para outra vida ao descobrir o ser amado
É nascer a cada minuto de prazer num inesgotável poço, ir e vir da carne dentro da carne
É nascer para a própria morte, só, completa e irreversível quando se perde a quem se ama
Quem muito ama quer ser objeto
Ser possuído e possuir
Roubar e dar prazer
Ser perseguido
Ser iludido
Na certeza de que o irreal lhe cai em cheio no meio do coração
Talvez só por isso não se deva proibir o amor
Não o amor de quem ama
De quem faz amor no chão
E filosofa sobre a cama
Talvez por isso não se consiga jamais se proibir um grande amor
Ele foge, se reprime, se isola, se esconde
Mas é latente, caliente, uma serpente
Que aguarda a hora certa do delicado e definitivo ataque
Que pode ser nesta vida ou em outra que se espere
O grande amor nunca morre, só se fere.

Rio, 1997.

Copyright

Clara Coisa Maravilhosa*(To MC)*

Aconteça o que acontecer
Quero que sejas o meu grande, único e eterno amor
Não me importa com quem deites
Se no teu pensamento eu sempre for
A lembrança de você será o bálsamo que sempre vai curar a minha dor
Fechando os olhos, verei os meus momentos iluminados pela tua clara cor
Para mim a vida é clara
E clara é a vida que preciso
Te entrego formalmente a canção não escrita de meu corpo
A ti dedico o meu mais belo verso não criado
Te dou sem medo os mais íntimos segredos de minha alma
Te desejo felicidade plena enquanto nos amarmos
Mesmo se nos separarmos
Mas – atenção
Te rogo a maior das pragas se e quando nos deixarmos.

Rio, 1997.

Copyright

Commiseratio

Tenho pena dos engenheiros
Dos médicos, advogados e obreiros
Que só conhecem a vida calculada
Receitada, codificada e traçada
O raciocínio cometido à revelia
O tirocínio enaltecido à mais-valia
A lógica intumescida na avaliação regulada do mundo
Uma observação da vida medida em função de parâmetros existentes
Tenho pena
Da vida sem poesia
Do existir que a pouco e pouco se respira
O dia a dia do comum é feito de partes que se encaixam
De poderes individuais que cedo ou tarde se rebaixam
O mundo mundano é música sem som
É o sol que nasce e morre sem um verso
O rico, que tem muito, não tem tempo pra sonhar
O pobre, que tem nada, não se pode dar ao luxo de pensar
Porque o ser tem que pensar
O ser tem que parar
A arte persegue o ser humano desde cedo
A vida é preciso navegá-la a mar aberto sem o medo
Viver com poesia é bem melhor
Poesia e paixão
Oposto
Mordomia e tensão
A poesia é o abstracionismo seguro do pensar da sensação mais funda que se funde no Universo
Há poesia na vida
Em cada olhar, gesto, som e condição
Há música no corre-corre azafamoso do cotidiano
Mas só o sonhador percebe a rima
No subir tão óbvio do que vai pra cima
Tenho pena, muita pena, pena mesmo
Da humanidade que caminha tão a esmo
Sem se jogar de boca num amor a priori condenado
Que faz tudo sempre igual
Como já disse o poeta genial
Sem dar a louca e se opor quando o resto todo está parado
Reclamando do absurdo
Contemplando o surdo-mudo da vida diária
Tentando retirar de cada átimo o ensino derradeiro
Viver poeticamente
Um sonho tão dormente
Mas premente
Horror do indolente
A poesia se impõe
A arte compõe
A trama do verso cerebral
A rede da tonalidade visceral
Ainda que tudo acabe num clichê sentimental
Ou até comercial
Porque tudo hoje é global

No fim de século mais cansativo de que se tem notícia
Onde a rotina (arrotina?) pegou de jeito até a sensual carícia
Vamos todos ao trabalho e à diversão com hora marcada
Acreditando piamente que depois da quinta vem a sexta
Tenho pena.
Ai que tédio! Vida besta.

Rio, 1997.

Copyright

Nefelibata Indevido Incontido Inoportuno Atrevido do Asfalto

Aquela imagem digitalizada
 Modernizada
 Perfeita
 Impecavelmente vivida por trás da tela pela atriz capaz
 Fez chorar meu coração de ainda um rapaz
 Felizmente no íntimo ainda inatingido pela concretude desta vida tão regulada e tão premeditada
 Uma lágrima e um espasmo, um esgar de soluço semicontido
 De identificação
 De admiração
 O Oscar potencial em celuloide magnetizadamente colorida tocou fundo um pedaço de meu ser
 Do ser sensível
 Do que pensa, raciocina
 E – minha hamartia – me assola de elucubrações transcendentais e existenciais
 Porque eu não devia ultrapassar os meus desígnios
 Mas aí eu não seria um poeta dos destinos
 E ainda indevidamente, prepotentemente
 Me pergunto
 Da razão daquela lágrima
 Causa lacrimae
 Uma nova ciência, filosófica e exótica
 Pois sei um pouco de Latim
 (O que jamais foi de valia para mim)
 A lágrima miserável e arrogante desce pelo rosto e cai no peito desusado
 Num insight magnífico
 É o sonho
 Causa lacrimae somnium est
 Postulado capenga do moderno infortúnio desta decadente relatividade
 (Sorry, Albert)
 Prefixo da nova era que será igual à que termina
 Nascemos frutos de um sonho de pais que nos querem ideais
 Crescemos para corresponder ao sonho que não sabemos que é bisonho
 E morremos no inatingir do sonho que nos torna um carente medonho
 Mas ridículo porque risonho
 Somos o almejar do inatingir de nosso próprio sonho inatingível
 Sonho de amor
 Sonho de consumo
 Sonho de cobiça
 Sonho que atija
 Eu quero ser o roqueiro frente à multidão que lhe implora uma canção
 Enquanto empunha sua arma guitarreantemente mortífera
 O maestro que atrai a atenção manejando sua varinha de condão
 Um Stallone forte e viril
 Uma mulher sensual e servil
 Num país mais que varonil
 Grande escritor, destruidor de corações, safado, enigmático, fleumático, antipático, histriônico ou
[metaperformático]
 Posso ser o ser que nem chega a ser não-ser
 O quente mesmo é não se fazer mesmo entender
 Não importa

Eu quero ser o bem ou o mal
Um déspota ou até um liberal
Um crápula ou um artista magistral
Eu quero ser meu próprio sonho para que sonhem ser meu sonho
Que num passe de mágica serei eu mesmo em carne e osso
Um chavão palpável e concreto
E me entristeço, me despenco do ideal
Caindo de quatro na solidão pesada e densa de minha vida por demais real
Meus músculos jamais conquistarão a beldade de maiô
Minha conta bancária não se permite a mansão estapafúrdia que no filme me agradou
Não, Leo, eu sei que não vou comer a Madonna
Mas é o sonho
Maldito sonho
Eu quero me casar
E não ir pra Jacarepaguá
Rita, minha Rita
Você jamais levaria meu sorriso
Nem que Caeachico ou granizo
Eu quero ter fortuna
Dispensar meu barco a remo
E viver em uma escuna
Ser a pena amarela da graúna
Já não andamos mais
Imitamos os trejeitos de uns futuros vãos iguais
A mão na cintura
O movimento dos quadris
Mexer a boca com insinuação
Tudo é o sonho do que queremos ser
É difícil perceber a diferença
Entre a lágrima sentida pelo cruel da cena bem representada
E a lágrima incontida e despejada de nosso íntimo frustrado
A perda do que jamais tivemos
A certeza do que jamais teremos
Queremos existir em outro e abdicar de nós
Desaguar em outra foz
E por isso esse choro só e atroz.

Rio, 1997.

De Profundis

*(Não é para MC
 (É por MC
 (Na medida em que
 (Se MC não tivesse aparecido
 (Estas coisas não teriam sido.*

Abaixo a relação de superfície!
 Assim dizia o poeta do amor profundo
 O único que vale, o único que corrige a estultície
 É quando se descobrem os grandes segredos do mundo.

Chega de beijinhos e abraços e abraços e beijinhos
 O grande amor às vezes nem beijo tem
 A presença de uma grande paixão já é o maior de todos os carinhos
 É a simplicidade do eu te gosto e tu me gosta igual também.

+ + +

Só existe um tipo de amor que importa
 Que toca, que elucida, que alucina, que fascina, que liberta, que conserta, que acoberta, que aconchega
 É o amor que é denso
 Comando imperioso de uma força inexplicável
 Um aluvião que varre, limpa e rejuvenesce a alma
 Prepara o ser para as peripécias do absurdo dos sentidos
 É onde o menor impulso se torna forte e irresistido
 É o amor que é denso, pesado e absolutamente incontrolável
 A fome e sede que jamais se aplaca
 Um cadáver que jamais se mata
 É o amor que é denso, pesado e faz pensar
 Um contínuo e eterno extravasar, desabafar, extrapolar
 É preciso esbravejar o amor
 Gritá-lo aos borbotões
 Dilacerá-lo em frases de tufões
 Ou seja lá o que isso quer dizer
 Porque o amor é isso
 É o inexplicável que nos faz passar a vida inteira tentando encontrar sua explicação
 A rosa no portão
 A tentação de Santo Antão
 Pintada por Bocage e versejada por Platão
 O amor é como um verso eterno sem palavras
 Que ora agride, ora afaga
 No pequeno imenso trecho que vai do sexo ao coração
 O amor que é verdadeiro, sincero e aproveitável, é profundo

+ + +

Profundo e denso como a alma
 Profundo e denso como um filme de Polanski
 Profundo e denso como é a única vida que vale a pena ser vivida
 Profundo e denso e forte e impotente quanto a própria força, a razão da delícia submetida

+ + +

É o exemplo prático da colcha de retalhos de nossas emoções
 Cheia de pedaços mas uma para a uma só cama que forra
 Como uma é a essência de dois espíritos amantes
 A explicação bíblica das duas carnes que são uma
 A referência encantadora e excitante da carne sobre a carne
 O abandono e egoísmo da carne dentro da carne
 O amor que é denso e profundo não é light
 Tem o desespero das nuances sombrias de um filme em black & white
 O amor que é light é hipócrita
 Vive encerrado em um sarcófago
 O amor que presta é um verdadeiro emaranhado de ramagens que nascem e renascem e crescem todo dia
 Que se foda o amor pequeno, descartável, que faz rir
 Mi amor siempre hay de hacerme morir
 Pero solo junto a mi gemela en amor
 Amar no âmago é falar em português
 Foder em espanhol
 Pensar em inglês
 Poetar em francês
 E brincar com a língua do freguês

+ + +

Só me interessa o amor que faz pensar
 Que faz o ser evoluir
 Quero somente o amor da sarjeta, do sem-terra, do mendigo abandonado
 Que sabe dar valor às migalhas da felicidade existencial
 Às cortesias da fortuna
 Curtir a dádiva do presente sem as mágoas do passado e sem as angústias do futuro
 O amor das ruas e da boemia
 Da noite estrelada e da chuva fria
 A paixão que faz sentir, que filosofa a própria dor de se automeditar
 De se automedicar

+ + +

Só me interessa a mulher que me acaricia com seus olhos
 Sem tocar
 Só me interessa o afeto que excita o meu sexo frágil
 Sem pegar
 E sem pecar
 Só me interessa o tesão que faz ejacular meu coração dentro do espaço exíguo e úmido no centro de meu
 [objeto de paixão]

Só me interessa o desejo descompromissado, despojado, que deseja o meu idem
 Só me interessa o amor que fode no vaso sanitário, na pia da cozinha, sem ser vulgar, planejado ou
 [estereotipado]

Só me interessa a paixão total, que trepa a qualquer hora e goza em dois minutos; se preciso for em duas
 [horas]

Só me interessa o amor cerebral
 Que manda em todo o corpo sem nenhum local de exceção
 E que me liberta no terreno fértil e produtivo da emoção
 Controlando e perdendo e autorizando de boa-fé até mesmo o abandono momentâneo da razão

+ + +

Sinto por ti uma coisa que me interroga pelas pernas
 Tortura minhas entranhas
 Desobedece meus neurônios
 E azucrina com minha capacidade de trabalho
 E que também me relaxa
 Me destempera esta vida já tão condimentada
 E neutraliza a violência de meu espírito carregado
 É que o amor é antitético
 (E às vezes antiético)
 É inconstante
 É volúvel
 É total e felizmente prerrogativamente paradoxal
 E por essência anormal
 Por isso que não serve o amor certinho e formal
 Burocrático, com data marcada e regulado
 O amor profundo é amoral, imoral e perverso
 É carinhoso, sensual e incontido
 Mas é fiel pelo desinteresse despótico pelo resto do mundo
 Intransponível para quem está de fora
 O nunca e o depois que coexistem com harmonia no agora
 Você é o meu agora
 Eu por dentro, você por fora
 Nosso nunca é a demora
 Nosso amor é a concessão sem o embora

+ + +

Não se trai quem se ama
 Abandona-se-o à própria sorte
 Não se macula um grande amor
 Ainda que o adeus signifique a própria morte
 Quem ama de verdade amará por todo o sempre
 Portanto, crianças, não carreguem a culpa de ter magoado
 Irreversivelmente seu amado

+ + +

O amor denso e profundo desafia com a vitória toda convicção que lhe é contrária

+ + +

Tenho ganas de amar uma mulher
 Como a sopa que se equilibra na colher
 Meu desejo é amar tão fundo um outro ser
 Nela entrando dolorido como uma agulha de cozer

Meu verso é bobo
 Meu amor é onírico e cerebral
 Minha alma é lodo
 Que se benze em tua pia batismal

Eu sou o teu demônio
Tu és meu anjo mau
Te quero em cores no meu sonho
Sou tua perseguição espectral

Quero te amar como se ama uma criança
Te comer como se come na abundância
Te conquistar como se ganha o Nobel
Ser o teu mel e ao mesmo tempo o teu fel

+ + +

Que o mundo roda
E ainda é cedo
Que a vida é foda
E tu és de mim mesmo o maior medo.

Rio, 1997.

Copyright

Filosofia Barata
Verdade Ingrata

O amor é uma doce e ingênua ilusão
Alegre e deliciosa emoção
E aí se acabam as rimas do amor
Quem ama não vê o mundo ao redor
Não vê a razão
Aí o grande e misterioso segredo da paixão.

Rio, 1997.

Copyright

Poema Ciberótico

*(A todos os babacas pós-revolução ciberal
(mas que ainda conseguem a proeza de rir e amar.*

Quero formatar meu disco rígido
Em seu drive G
(Instalando previamente o antivírus adequado)
Memorizar todas as suas trilhas
Abrir os seus arquivos com a senha de proteção do meu tesão
Que é única, eu espero
Não vá se introduzir qualquer disquete
Ou seja, só te permito em mim qualquer boquete
Depois eu vou salvar todas as minhas configurações
Apertando cuidadosamente seus botões
Utilizando os atalhos necessários
Para evitar a invasão de outros usuários
Quero ser sua mais potente cpu
Acessar suas entradas e o seu (erro de proteção: utilizar corretor ortográfico)
Quando penso em você vejo tudo em monitor colorido de alta resolução e vga
Minha placa modem tem todas as velocidades que você possa desejar
Meu teclado está configurado pra você
Na sintaxe mais selecionada da janela
Gosto quando você arrasta o meu mouse no seu pad
E clica várias vezes pra abrir o meu menu
(Mensagem antecipada de proteção: utilizar corretor ortográfico)
Tenho uma barra de ferramentas bem satisfatória
Não é um pentium
Mas também não é um xtzinho
Já vari sua porta paralela
Agora só falta conectar o seu (erro: utilizar corretor ortográfico)
Na raiva tento faxiar você
Mas você sempre rebuta sua máquina
E eu fico digitando sem backup
Qualquer hora perco a cabeça
Largo meu 386 e uso meu tacape
Meu ícone é só seu na sua área de trabalho
Por que você não lê o resto do meu manual?
Usar computador é como descobrir o tesão que dá chupar embaixo do saco escrotal
O que mais gosto mesmo é explodir meu pkzip
Enquanto você acessa um site strip
Você até que tenta impedir a minha navegação
Mas você sabe que eu manipulo sua senha de proteção
No fim de semana escaneio você em frente e verso
E mando salvar no meu diretório mais perverso
(A rima boa aqui fez falta, mas nós semo internauta)
Quando digito o seu texto
Tento ser bem ergométrico
Se não você pode ter problemas
E sair dizendo que meu macro é picométrico
Nossa informática é uma cachaça, a gente vai se descobrindo
Você pede a mim, seu servidor
E eu vou te imprimindo

Nem pense em me deletar do seu c dois pontos barra tudo
 Você só ia me deixar falando mudo
 O ser informático esqueceu do português
 Sua cultura virou um pequinês
 Me dá prazer te ligar e carregar
 Colocar o meu sistema em ação
 Inserir meu hárdner no teu sófter
 E aguardar tua inicialização
 Cê vai testando o hímen estendido
 E no defô cê é minha primeira opção
 Estou desenvolvendo um novo programa pra aumentar minha memória
 De tudo que podemos redigir no editor
 Por fim vou proteger teu documento
 Pra não perder nenhum bit do teu amor
 Se um dia você não me quiser mais
 É só fazer um upgrade dos meus ais
 E se faltar papel no seu alimentador
 É só ressetar meu gerenciador
 Sem falar dos formulários do nosso excel
 Que sempre te permite ir da terra até o céu
 Você nega, você disfarça, você tenta deletar
 Mas cê sente que eu sou seu user friendly que cê sempre sabe usar

@

Você é meu sexo virtual
 Meu amor mais puro em 3d
 Meu inserido sexo anal
 Que exibe tudo dentro do layout de você
 Meu olho fecha e dou um zoom em tua alma
 Quero ser tua opção individualmente personalizada
 Você me copia e me cola onde você quiser
 Me sublinha em itálico em formatação justificada
 Meu desejo é ser teu ponto.com autoexecutado
 Abrir os teus arquivos e salvar todo o teu compactado
 Fazer teu printscreen com o numlock apertado
 Ser o bill gates do teu windows reinstalado

Borda, localizar
 Ítem, dos
 Webcam, visualizar
 Ou cê dá ou você desce

Você sabe o que é ter um amor meu senhor
 Ter loucura por um computador
 E depois descobrir um programa pirata
 No winchester do seu provedor?

(Valeu Lupiscínio! Teu ideal é meu fascínio.)

Rio, 1997.

Dois Momentos
Duas Versões
Duas Preocupações

Já comi tantas mulheres do planeta
É impossível existir coisa mais gostosa do que a tua boceta.

Ai.

Não sei se quero você pra sempre amém

Assim definitivamente sem porém

Mexendo nos meus livros e cds

Te dou em princípio 10 anos pra pensar

(Junto comigo)

Se queres ser minha mulher de uma vez.

Rio, 1997.

Copyright

Realidade

Não sou nada.
Não serei nada.
Sou só meus versos.
Que ninguém lê.
Só a ilusão – de ter você.

Rio, 1997.

Copyright

Encontro Fortuito

Foi um encontro fortuito
Um amor sem intuito
Nem um abraço se materializou
Mas a saudade pra sempre ficou

O amor de momento
Tem sempre algo de tolo
Como grande dor não fosse
Sendo só, iníquo, o consolo

– É o absurdo de ser toda a aspiração de uma vida condensada em um instante inagarrado

Um olho vê
O outro responde
Uma boca fala
O outro coração se esconde

Um grande amor pode durar pouco tempo
Nascer e crescer sem ter sido notado
Morrer não, pois um grande amor nunca morre
Um rio eterno que pro mar sempre escorre

Foi um encontro fortuito
Uma longa carta que não foi escrita
As emoções todas reprimidas
Talvez duas vidas perdidas

– É a tristeza de ver a potência do amor destruída, desperdiçada, vencida por um inimigo inlutado

Rio, 1997.

Trovas Um Tanto Quanto Eróticas

Eu gosto é de calcinha
 O amor é secundário
 Quero beber teu alambique
 Me lambuzar em teu sudário.

Abençoi, Senhor, as calcinhas
 Das gatinhas
 Coloquei em meu caminho os peitinhos
 E se possível uns rabinhos.

&

Passa meia coxa em minissaia por meus olhos vadios
 Meu falo é tão quente e meus dedos tão frios
 São João, essa coxa é tão linda que me dá calafrios
 E a bunda então transforma santos em gentios.

Não adianta falar
 Não adianta dizer
 Homem e mulher
 Têm mais é que foder.

Se você disser que ele é pequeno amor
 Saiba que tem outras que chupam com ardor
 Aproveita e faz um boquete
 E me diz qual é o sabor.

Gosto quando você senta em mim na borda da cama
 E samba e mexe e dança e sobe e desce e me chama
 Vou lambuzado de suco lá pro fundo do teu lagar
 E afogo, bêbado, minha alma de tanto te gozar.

&

Onde é que você aprendeu a foder tão gostoso?
 Foi no meio do mato, na rua ou no motel?
 Seja lá como for, quero você sempre comigo
 Fazendo amor, em atacado ou a granel.

Cê sabe queu te amo
 Te adoro e tudo o mais
 Pela frente é uma delícia
 Mas eu prefiro mesmo é por trás.

Sem mais...
 Sem mais...
 Me leva contigo,
 Trás os coqueirais!

AUGUSTA SAGA DE UMA PAIXÃO IRRESOLVIDA

Mais uma vez me aferro ao verso ânima-lesco
 Na tentativa catártica de me explicar em sentimentos
 De te atingir em pensamentos
 Invadido que estou de uma saudade já meio esquecida
 Revivida
 Por uma noite de um toque intenso e feroz de nossos dois olhares encravados em um só
 Nossas mãos em energia pulsante e constante a nos dizer o de que a boca se acovarda
 Renovada a esperança de me imiscuir nos assuntos de teu coração
 Que ainda sinto apaixonado pelo meu
 Uma beata cortejada por um ateu
 Me entrego a este verso caudaloso
 No intuito de te dizer o óbvio em palavras solfejadas
 Rebuscadas
 Todo o meu corpo treme de prazer quando penso em ti
 Todo o meu ser se queima da necessidade de te ter
 A própria vida se esvazia de sentido
 O trabalho é uma atração coadjuvante
 No filme imorredouro de nossa interação simbiótica
 E o mundo fica distante
 Só um barulho irritante
 Enquanto o meu desejo é gritante
 Inescondível
 Irreprimível
 Ah se eu conseguisse te mostrar tudo o que vejo num sincero entregar de nossos corpos e almas
 [invadidos de nós mesmos...
 Te ver é constatar a ausência sofrida de uma parte de mim mesmo
 Que renasce e morre a cada encontro e despedida
 Meu sonho é unicamente esse teu abandono em meus braços
 Tua entrega é a peremptória revelação de nosso pleno amalgamar
 Tua insegurança é a certeza catalizadora de que nem tudo se acabou
 Teu medo é a própria covardia de quem ama intensamente
 E foge da espada desejando a própria morte mais agônica
 Meu desejo de teu corpo é o alimento do alcoólatra
 Obcecado e embriagado num não mais parar de se drogar
 Meu carinho por teu ser é como o manto que cobre do frio o recém-nascido
 Minha falta de tua alma junto à minha se assemelha a um prédio sem pilares
 A um falo errante e duro sem ter onde se esconder pra procriar o seu tesão
 Te transformei em meu delírio de prazer
 Em consciente adoração apoiada na razão mais básica da existência
 E o verso cresce em extensão
 E perde na eficácia de extravasar a emoção
 Meu amor por ti é triste como deve ser todo amor
 Triste e amargo pela perda real ou imaginária
 Meu amor por ti é quente como um vulcão em meio à neve
 Quente pela ausência do teu corpo que demora em apaziguar o meu calor
 Meu amor por ti é eterno
 E o que é eterno é tudo
 E se basta
 E se arrasta
 Penosamente às vezes, em outras torridamente em júbilo imanente

Olhar nos teus olhos é sempre ler teus pensamentos
É penetrar sensualmente teu raciocínio mais profundo
Fazer amor com o teu corpo não é nada
Se comparado com a satisfação de teu gozo a me olhar profundamente no êxtase do sexo
E desabar em minha cadela sonolenta satisfeita e insaciável de sua ração já digerida
Quero teu olho no meu olho
Mesmo quando o teu estiver fechado em amando outra pessoa
Porque ele aberto é só meu
E para ter esse teu olho no meu olho
Não me importo em divagar num vai e vem de palavras redundantes e quase sempre sem sentido
Pois sei que no fundo, bem lá dentro desse teu coração apaixonado, embora relutante
A nossa história ainda persiste
E resiste
Ela existe mas você ainda não quer ver
Não pode ver
É uma novela ainda sem final
É uma cabana em meio ao temporal
No fundo de meu ser
Tenho a certeza inabalável de que não destruirás
Todo o sentimento que ainda não sentimos
Toda essa completude de nossas mãos retorcidas de tensão e sexo explícito uma na outra
Tu me lançaste do amor eterno a maldição
Que eu retribuo com a minha mais plena paixão
Tu és a mulher da minha vida
Deixa que eu seja da tua o grande amor
Dedicado, zeloso e sustentáculo
Te possuir sem ter a tua posse
Te comandar sem ser teu dono
Te implorar sem ser um fraco
Te obedecer sem ser mandado
Te desejar no teu desejo de mim mesmo
Te suplantar sem competir na renovada entrega de minha alma à tua
Te querer cada vez mais absolutamente nua
No teu beijo molhado e intenso encontro um pedaço do tão falado paraíso
E no aperto sensual de teu abraço me sinto o próprio deus onipotente de todo o universo ainda incriado
Deixa eu te comer, te devorar
Te lambe esse teu corpo suado de me amar
Entrar pela frente, pelos fundos
Fundir em um só nossos dois mundos
Me dá tu mesma apaixonada
Sobre mim, encapetada
Destruída
Extenuada
Realizada
Esta separação me apunhala repetidamente a ferida aberta e purulenta da tua falta
Cada dia sem tua presença é o renascimento indiscutível de uma dor atroz
Que penetra nas entranhas da carne
E se perde em fagulhas cortantes espetadas no que resta deste espírito
Um espírito que já perdeu a meio as forças e a vontade de buscar outra que não seja a ti
Não tenho medo de insistir nessas tolas palavras
Pois sei que são as mesmas que queres ouvir

Não me acanho de me apresentar ajoelhado a teus pés a implorar migalhas do teu carinho
E talvez por isso esses versos se assemelhem a uma carta
À grande carta que nunca nos escrevemos com o som de nossas bocas
Não me envergonho de dizer e redizer e repetir que eu te amo
Te amo como à única maneira plausível de minha sobrevivência
E por isso acho que preciso te falar
Em prosa ou verso, em corpo ou alma
Preciso te abrir a janela da percepção de nossa complementaridade
De nossa assumida cumplicidade
Deixa te avisar que vou te perseguir
Não de forma indelicada, chata ou insistente
Satânica, serial ou valente
Mas à maneira do verdadeiro amante
Com o coração ardente, insistente
Com a patética e desesperadora perseverança irrecompensada à distância
Como se bate à porta de um morto
Pancadas leves e repetidas
Pois há que se buscar a quem se ama
Até que se apague a derradeira chama
Ou que se acabem os dois na mesma cama
E de algum modo que não sei justificar
Esse teu olho me diz que é isso justamente o que eu devo fazer
Sem saber, tu me convidas a te seguir
E no mais
Eu não poderia te trair
É preciso dizer, é preciso escrever
Com a mesma intensidade de comer
Dizer é fazer nascer o não-dito
E tornar o pensamento bendito
E é preciso dizer que te espero
E essa espera já me cansa
Esse afastamento já me irrita
Esse não te ter comigo me aflita
Me altera e afeta a capacidade de pensar
Não,
Não é possível que desprezes tudo o que passamos
Tudo o que nos desejamos
Não é possível que prossigas alimentando nosso desencontro, nosso desencanto
Esse faminto monstro
E ainda busco na rima uma forma de te convencer
De te fazer não me esquecer
Perdoa a minha poesia insossa e certamente absurda
Mas é ela a minha única forma de expressão
A poesia é a total abertura do coração
Quiçá da alma
A única forma sincera e possível de expressão e de razão
No nosso caso me abro para ti com tais palavras que saem do fundo de meu pensar mais obscuro
Em paga pelos pedaços que me deste de ti
Eu, que só desejo da vida a permissão pra continuar te amando

Claudel nos esculpiu em dançar abnegado e abandonado
Klimt nos pintou em beijo apaixonado
Cabe a nós escrever nosso legado
Não podemos nos transformar na vetusta frustração do prazer irrealizado
Urge dar vazão a esse amor irrefreado
Mas eu te espero
Te espero na certeza de que minha lembrança vive em ti
Te esperarei eternamente
Amargamente
Apaixonadamente
Até que me reapareças consciente do desejo teu por mim
Ainda que seja na boa hora de nosso junto fim
Ninguém poderia tomar o teu lugar
Te espero pra terminar de escrever o poema de nosso forte e inesgotável amar
Te espero
Te quero
Te espero
Te vener(e)o
È vero.

Rio, 01/03/98.

Copyright

Viagem de Avião

Não dá pra refrear a emoção
(Imagina suportar)
Do levantar voo, do ruído, da vibração
E depois das luzes da cidade
Do se colocar acima do universo conhecido
Sobrevoando ainda baixo o desejo já vivido
As luzes se amontoam
Obliteradas por nuvens negras aos momentos
E parte a máquina agora sem retorno ao sonho ansiado
Esperado
Forçado
Suado
Imaginado
É impossível a não-emoção do decolar de um avião
Interromper por algum tempo o diário afazer
Do eterno acordar e se preparar para morrer
Mas no fundo a emoção é meramente cultural
Quiçá predominantemente emocional
Um juntou dinheiro o ano inteiro
Outro roubou ou estorquiou
E agora acomoda sua família nas poltronas apertadas
Uma dá asas à paixão
Outra se descansa o ganha-pão
E a velha que sonhava com o pássaro prateado
E o menino que olha embevecido o solo diluído
Um homem só se abandona a sua própria solidão
E pensa
Enquanto uma mulher tenta esquecer o azar e o azarão
Um foge
O outro busca
Todos já dentro da máquina do sonho
Impulsionada por essas turbinas de trabalho e emoção
O combustível é dinheiro e negação
Da vida que ficou pra trás por um instante
Interrompida, paralisada até a volta triunfal ou maquinal
Daí que é impossível não se emocionar
Foram horas diferentes de uma batalha semelhante
Para o mesmo fim
O agradar do mim
E por isso todos choram, cada um por si
O mim que não está em ti
Homens, mulheres e crianças
Todos passageiros de uma passageira agonia
De interromper a vida por um pouco
O sonho irrealizável de todo louco
O milagre do avião
Talvez seja a essência da pulsão
O descanso da razão

O ser que acontece entre a partida e a chegada
É duas vezes diferente
Porque sai e chega
Porque vai e volta
Ou não
Na ida a surpresa, o medo, a expectativa
Na volta a vida, o real e a recidiva
A viagem de quem pensa é mais dolorosa
E por isso mesmo incomparavelmente mais proveitosa
E penosa
É a compensação da consciência
É a contradição da existência
É a contemplação da turbulência.
O avião é a máquina do sonho
Pode ser ou não um monstro cínico e medonho.
Voar faz pensar em turbilhão
Ou pensar aí é nada mais que uma fuga implícita ao medo inexorável do avião.

Entre Rio e Miami, março de 1998.

Copyright

Uma Carta Cifrada pra André

***Só sei falar dessa forma,
Assim, fugindo da norma,
Isto tudo é teu,
Assim como nasceu.***

Ah, que você não me entende
Como toda a gente.
(Não! A vítima não fala,
A vítima no fundo se cala
E se embala
Em seu silêncio.)
Há o ser normal
E o ser incomum
O que dissimula seu inferno astral
E o que assume a sua porção bebum
A cota que cabe a cada um
O ser diferente é marginal, é gay, é complicado e complexo
(Mas somos só o reflexo
De nós mesmos)
Atende o telefone com raiva
Pela interrupção inaceitável do indevassável
É o outro lado do fio
Do telefone
É a queima do curto pavio
É o progresso
Do computador
A avidez da solidão
Que administra o tesão
E a invasão do desejo de não ser o que se é a semana inteira
A rima da uva e da videira.
Ah, que a cada dia eu me coloco
Numa posição de cansaço e desespero
Sem discernir mais a diferença entre o marasmo e o tempero
Difícil vida a do poeta
Que sente
E não presente
O ambiente hostil
Todas as artimanhas do arдил
Da vida que no fundo é morte
Da intriga que no fundo é sorte
Que tudo ensina
Que tudo anima
A dívida de sangue com o absurdo
O silêncio verdadeira e imensamente mudo
O depois
Que é um agora retardado
A felicidade
Que é um achado enterrado.

É, você não me entende
Como o meu pente
Que alisa e tenta
E sempre se ambienta
Mas nunca se contenta
Talvez eu seja o pente
E você o cabelo
Eu finjo que eu venço
E você me diz que eu convenço
Eu falo e insisto
E você quer me convencer de que eu desisto
Eu vejo o mundo passando
E eu só me irritando
Com a Internet, o trabalho, o chefe
E minha cabeça se indis põe com o chope
Desfaleço em poesia, em palavras, em sonhos e frustrações
Mas você não entende pelas suas próprias tensões
Eu vivo o mundo mudando
O mundo vive me pressionando, anulando
Um jogo de palavras, uma simples tentativa
A alma de um homem eternamente à deriva.
Não! Por favor não responda.
Que a compreensão tardia é hedionda
Guarde o sentimento que isto gerar com você
Nas entranhas de um doce e inaudito perceber.
O ser que se afflige
É sincero, gosta e tem ânsia
Exige
Um alto grau de tolerância.

Rio, 29/07/98.
22:30

Ligeira Insatisfação

Ai que dor
De não poder ser
Um lindo
Amanhecer
De ser
Um eterno
Anoitecer
O existir
Um mero
Um lento
Momento
Da morte
O vero
Acalento.

Rio, 1998.

Copyright

Posições

O absurdo decreta a falência do claro existir
A frase solta
A alma revolta.

Embaixo
Em cima
Insossa
Rima.

A decrepitude em espécie comenta um detalhe atroz
A lição da caloura
O compêndio que estoura.

Em frente
Ao lado
O poeta
Coitado.

Rio, 1998.

Copyright

Wiggle Room

Um conto ligeiramente estereotipado.

O sexo entre eles era bom. Pelo menos, igual à média dos casais, ou seja, uma tromba aqui, uma chantagem ali, uma birra hoje, uma greve amanhã, mas os dois gozavam, o que talvez seja o grande e único objetivo do sexo. Sempre. Gozar bem ou gozar mal, este o lema do homem e da mulher modernos. Gozar é preciso; amar é lucro. E parece que se amavam bem, também. Afinal, ninguém vive com ninguém por quase cinco anos, sem trair, se não houver amor. Ou uma grande afeição, admiração, respeito, seja lá o que for. Trair. O que será trair? Passar a mão em outro é trair? Comer alguém (e no fundo, quem come mesmo é a mulher!) sem envolvimento é trair? Foder em pensamento é trair?

A coisa toda começou meio que por acaso. Foi numa daquelas raras noites de segunda. A primeira fora muito boa e, por razões até agora inexplicáveis, uma meia hora depois recomeçou o jogo amoroso milenar, a mão que desliza meio sem vontade sobre a coxa; o dedo que aperta e pressiona e belisca um tanto hesitante; o olho que se fecha, na tentativa de se sentir o que não se sente bem ainda, mas que se gostaria amarga e maravilhosamente de sentir; o arrepio que provoca comentários cômico-libidinosos; a virada de lado daquele que já atingiu um grau de tesão ligeiramente maior do que o outro e, já naquele ponto sem retorno, ajoelhou-tem-que-rezar, começa a tomar as iniciativas; até que num piscar de olhos e de sensações tudo começa a recontecer. O desejo erótico-anímico-egoísta do regozinho no novo gozo do parceiro. Enfim, a clássica situação do redespertar de ambos, que geralmente acaba com a mulher em decúbito ventral, com o homem por cima dela de olhos fechados a suar a busca da milésima estocada sem sair do clima, quando a mulher, após o quinto orgasmo, arreganhada, ardida e esfolada – mas definitiva e determinadamente despertada em seu instinto primal de fêmea orgulhosa que vai dar de qualquer maneira mais um gozo a seu macho –, emite ruídos obscenos e palavras sensuais, até que o homem, passados séculos de minuto de desespero pelo medo de não conseguir o que agora se tornou um desafio, uma ideia fixa carnal, ejacula algumas gotas de um sêmen desencavado do fundo de suas reservas de energia e imaginação. Imaginação. A maior aliada do sexo.

De repente ele começa a falar. E ela não registra bem as palavras, sabedora de que se aproxima o momento tão ansiado. Pelo contrário, prevendo o alívio daquele um certo martírio vaginal que já dura uma boa meia hora de pênis ora amolente, ora endurecido, ela se mexe com movimentos aprendidos na sua vivência de fêmea socialmente sexual (sexualmente social?), no afã de dar prazer, ela já não sabe se consciente – pelo alívio –, ou se inconsciente –, pelo amor a seu homem. Só que as palavras começam a fazer um outro sentido: algo como Sônia, eu tô subindo a mão na tua coxa, enfiando o dedo dentro da tua calcinha; agora eu tô arrancando a tua saia e abrindo as tuas pernas – um verdadeiro choque. Ela para de se movimentar, mas, por não saber direito o que se passa, mais por instinto volta a penetrar seu traseiro em torno do membro dele, mas já agora com atenção redobrada de fêmea machucada na alma, embora sem compreender direito a situação. Curiosamente o nome muda, ou ela acha que muda – no fundo ela não acha bem mais nada –, para Márcia, tesão, você é muito gostosa, eu quero gozar nessa bunda, agora!... E sua atividade peniana fica mais intensa, eufórica, suas mãos a apertam desesperadamente, ela colabora, ajuda, quer mas não quer, até que tudo se acaba em dois gemidos repetidos infinitas vezes, num afrouxar de músculos e membros, num suspirar resolvido, num desencaixar de sexos, num sair de cima e virar na cama.

O instinto feminino a aconselha a esperar um pouco mais para as perguntas que se fazem necessárias, afinal o que é isso? Sônia, Márcia, quem são? Mas são perguntas meio etéreas ainda, o torpor da mente intensificado pela surpresa precisará de mais alguns minutos para se transformar em vaidade ferida, em cobrança de explicações, em suma, para que o cérebro volte ao normal. Não se perturba um cão ao comer; pelo mesmo motivo, não se toca ou aborda um homem após o sexo. Ela sabe. Ela espera.

– Amor...

– Ahn...

– Quem é Sônia?

– Ah, olha, deixa pra lá.

– E Márcia?

– Amor, esquece.

– Você falou o nome delas...

– Não é nada demais.

– Peraí. Nada demais? Você trepa comigo, fala o nome de duas mulheres e não é nada demais?

Ela se senta na cama, pernas cruzadas, mãos nos joelhos. Ele se vira e olha para ela.

– Amor, saiu sem querer.

– Escuta – ela agora começa a gesticular –, fala logo e não enrola. Quem são essas piranhas? Você tá galinhando por aí? Porra, eu tenho pelo menos o direito de saber.

Ele respira fundo, vira-se na cama e olha para o teto. Ela espera. Talvez o fator mais significativo numa longa união de dois amantes seja o respeito ao tempo do outro, o conhecimento de cada gesto, cada suspiro, cada palavra, cada entonação. Ele se vira de novo para ela.

– Amor, elas não são piranhas.

– Então...

– Peraí – interrompendo –, deixa eu terminar. A Sônia trabalha comigo, num outro departamento; a Márcia entrega quentinha pro pessoal...

Agora é ela quem interrompe:

– Quê?! Porra, cara, que que é isso?... Desembucha!

– Pô, deixa eu explicar.

– Ahn!!

– Amor, não dá pra explicar... Sabe o que que é? Tava difícil de gozar, aí eu comecei a pensar em outras mulheres, pra ajudar, sabe como é?, pra excitar um pouco mais; você já devia estar de saco cheio, já tava demorando...

É interrompido com raiva:

- Peraí. Deixa ver se eu tô entendendo: você comeu duas mulheres com a minha boceta!? É isso?!
- Não. Quer dizer, mais ou menos; eu tava comendo você, só pensei nelas pra ajudar...
- Puta que pariu!
- Amor, não fica puta. Sabe o que mais? Eu sempre fui assim...
- Ahn? Sempre?!
- Todo mundo faz isso...
- Todo mundo é o caralho!
- Amor, põe o pé no chão. Vai dizer que você nunca pensou em outro cara quando tava transando com alguém?
- Eu!? Nunca. Pô, cê tá pensando o quê?
- Amor, muita gente pensa... Sei lá, não quer dizer que você esteja com tesão na pessoa...
- Ah, claro que não!...
- Não. Quer dizer – agora ele gesticula, tentando descrever –, é tesão. Mas não tesão de querer transar com a pessoa, quer dizer, é, mas não do jeito que é você estar transando com a pessoa que tá com você no momento. Entendeu?

Irritada:

– Não. Não entendi porra nenhuma. – Deita-se e cruza os braços, olhando o teto. – Você tá é saindo com outras mulheres. E ainda tem a cara lavada de me dizer que trepa comigo e pensa em outra. E que não é tesão. Ora, vai se catar!

– Amor, você não entendeu... Me diz uma coisa, mas seja sincera: você nunca, mas nunca mesmo pensou em outro enquanto transava?

Ela hesita um pouco. Depois diz:

– Olha, não começa a desviar do assunto. Isso é muita esperteza; agora vai querer me botar na parede...

Ele interrompe:

– Você é que está desviando do assunto. Eu fiz uma pergunta clara, direta e objetiva. Você nunca pensou em outra pessoa enquanto trepava?

– Porra, isso acontece na adolescência...

– Ah-ha! Então já!

– Cara, sei lá, talvez, uma vez, duas, mas só quando a gente é nova. E é uma coisa rápida. Isso é ridículo. – Há um curto silêncio. A seguir ela emenda: – Não é pra ficar em cima de alguém até conseguir gozar. Pô, isso é sacanagem, é falta de respeito.

Ela se senta na cama outra vez. Ele fala:

– Mas o ponto não é esse. O ponto é que também já aconteceu com você. Seja por que motivo foi, quando foi, com quem foi... Olha, eu acho inclusive que acontece com todo mundo. Só que ninguém fala.

– Você também nunca falou.

– Nem você...

Ele coloca os braços atrás da cabeça e continua deitado, pensativo; ela sentada, olhando para o lado, inconformada, mas refletindo. Ele diz:

– Amor, escapou...

Ela interrompe:

– Ah, escapou!? E se não escapa, eu nunca ia saber! Você não ia contar, não é? – Silêncio. – Não é? Responde.

–É, talvez não...

– Isso é um absurdo! Eu mereço!...

Provavelmente a harmonia entre duas pessoas tenha muito a ver com a capacidade de se abordarem assuntos complexos com lucidez. Ou pelo menos com alguma lucidez. O roubo via de regra acaba criando situações incontornáveis. Na hora da raiva, é difícil prever as consequências de um “bate se você é homem”, de um “então vai logo embora e não enche mais o meu saco, me deixa em paz de uma vez”; isso equivale quase que a um “atira, se você tem coragem!” Quem gosta verdadeiramente tem o dom (quase sempre) de antecipar os resultados das palavras mais agressivas: pede mais uma cerveja, coloca um basta abrupto na conversa, vai ao banheiro, muda de assunto, ou vai tomar um banho.

– Olha, quer saber? – diz ela, levantando-se da cama –, eu vou é tomar um banho, antes que essa conversa acabe mal. Mas a gente vai voltar a falar nisso.

– Se você achar que vale a pena...

Ele continua deitado, mas ela já está de pé, andando para o banheiro.

– Eu acho sim. – De repente, volta-se e para em frente à cama. Diz: – Escuta, me diz só uma coisinha: e se eu começasse a transar com você falando nomes de outros homens?

Ele pensa por um momento e responde:

– Honestamente?

– Ahn.

- Eu acho que não ia ter problema...
- Não ia ter problema – diz ela, com um certo tom calculado de ironia.
- Acho que não, mas...

Ela interrompe, retomando o caminho do banheiro:

- Me aguarde – e sai do quarto.

Algumas coisas na vida são inexplicáveis, como por exemplo o fato de se conseguir dormir após um forte abalo emocional, uma discussão, uma grande decepção, uma surpresa agradável, uma boa notícia. No entanto, foi o que aconteceu com os dois. Aparentemente, o assunto foi esquecido.

*

Até que umas três noites mais tarde, enquanto os dois assistiam à televisão – não tinham feito sexo após o “incidente” –, ela bruscamente soltou:

- Amor, lembra do lance com a Sônia e a Márcia outro dia?
- Lembro.
- Eu quero perguntar uma coisa.
- Ahn.
- Você sente tesão nelas? Mas fala a verdade.
- Amor, isso é uma conversa comprida. – Fez uma pausa e prosseguiu. – E você não vai entender.
- Tenta.
- Amor...
- Tenta!

Ele refletiu, como se tentasse não só encontrar as palavras apropriadas, mas também a forma menos complicada de abordar o assunto. Odiava quando tinha de explicar sensações, coisas que, pensava, eram tão abstratas que existiam por si mesmas; que diabo, algumas coisas a gente não consegue explicar, não dá! E quando é preciso, o trabalho mental é tão desgastante que nem sempre vale o tempo perdido. Sem saída na ocasião, tentou começar:

- Amor, existem dois tipos de tesão...

Ela se intrometeu:

- Lá vem você com as tuas teorias.
- Porra, você quer que eu fale ou não?

– Quero.

– Então não interrompe. Se você quiser, depois argumenta.

Ele se ajeitou melhor no sofá e prosseguiu, em tom ligeiramente professoral, como era seu feitio.

– Há dois tipos de tesão: um deles é um tesão de carne, tem ereção, dá vontade de transar, é sexo puro, ou acaba na cama ou na masturbação. Pode ter amor ou não. O fato é que envolve a vontade consciente de tirar a roupa da mulher, de tocar, de dar e ter prazer. Entende?

– Até aí não tem nada de novo, todo mundo sabe.

– Engano seu. Existe um outro tesão. É um tesão de admiração, de contemplação, mais ou menos como um prazer estético, como quando a gente observa um quadro, uma escultura, ouve uma música...

Ela interrompeu mais uma vez:

– Ah, qualé?! Vai dizer que você olha as pernas de uma mulher na rua igualzinho a uma obra de Picasso? E desculpa o trocadilho.

– Exatamente. Tem diferença, por causa do sentido que fica excitado: no caso do quadro, é, digamos, uma parte do cérebro, sei lá, no caso das pernas, é outra parte. São sensações diferentes, mas a excitação acontece nos dois casos.

Algumas colocações em tese impediriam qualquer possibilidade de continuação de uma conversa. Seja pelo inusitado da coisa, pela dificuldade do assunto, ou até pelo fato de o interlocutor jamais ter pensado naquilo. Mas nada como um orgulho para colocar por terra a tese e insistir, mesmo sem armas.

– E daí?

– Daí que você não acha homens bonitos na rua, no trabalho, teus alunos, um ator de cinema?

– Isso é diferente...

– Não é! Aí é que está! É atração, é desejo, é sexo, é tudo. Só que de outra forma.

Ainda faltavam armas.

– É diferente.

– Não é. Olha, você falou na Sônia e na Márcia. Vamos lá. A Sônia trabalha comigo, é bonita, casada, mais nova do que eu...

Ela interrompeu:

– Idade não quer dizer nada...

– Pô, deixa eu terminar.

– Vai.

– Então. Eu nunca cantei ela...

– Tá!...

– Puta merda, então eu não vou mais falar nisso!

– Desculpa, não vou interromper mais.

Ele suspira.

– Bom. Eu nunca cantei ela, ela nunca se insinuou, quer dizer, mulher, só pelo fato de estar de minissaia já se insinua, mas nunca foi pra mim, proposital, nunca foi, assim, ostensivo. Agora, eu olho, eu admiro. Ela é um tesão, a gente brinca, mas nada demais. Sério. Quer saber?, nunca vai rolar nada. Eu tenho certeza. A Márcia entrega quentinha lá pro pessoal. A gente sempre se encontra: eu estou indo almoçar e ela está chegando. É coisa de oi, tudo bem, tudo, tchau. Ela é moreninha, baixinha, não é nem bonita. Ela usa sempre uma calça jeans apertadinha; aí você olha, vê a bundinha espremida ali dentro... É impossível não registrar.

Pausa. Ela insiste:

– E daí?

– Daí que a, vamos dizer, a excitação que eu sinto por elas, e é diariamente, não está ligada a querer comer, pensar numa cantada, criar situações. Sabe de uma coisa? Nunca fiquei de pau duro com elas. Nunca. É como se fosse um registro, para referência posterior. É isso.

Ela não estava convencida. Achava até que não estava entendendo muito bem. Aquilo tudo mais parecia uma grande enrolação, conversa pra boi dormir, ou melhor, *vaca* dormir, ela própria. Homem é foda! Mas não deixava de despertar um certo interesse. Era inacreditável, mas era horrroso pensar que ela se identificava com algumas passagens daquela história surrealista.

– Quer dizer que você não tem interesse nelas!?

– Não. Absolutamente.

– Tá. Agora explica como é que essa total falta de interesse faz você falar o nome das duas no meio da nossa trepada.

– Eu não falei, saiu.

– Mas tava pensando nelas.

– Tava. Claro. – Fez uma pausa, buscando as palavras certas. – Olha, desde adolescente que, sempre que tá difícil gozar, eu começo a pensar em mulheres. Outras mulheres...

– Nunca a que você tá comendo!

– Não, aí é que está. Sabe o que que é? Deixa ver se eu consigo te explicar. Chega um ponto, quando tá difícil de gozar, que o que passa a ser importante, a única coisa que interessa, a qualquer custo, é gozar, não importa o quê. Não entenda mal, mas aquela mulher ali deixa de existir, só existe a vontade de gozar, de acabar com o assunto. Aí você começa a procurar subterfúgios. O meu é esse. Deve haver outros. Eu acho que todo mundo é assim. Vai dizer que você só pensa em mim, quando transa comigo?!

Surpreendida, ela não hesita:

– Claro!

– Não, você não entendeu. Não é em mim, na minha pessoa, no meu corpo, você não fica imaginando o meu nome. O sexo transcende isso. Você fecha os olhos e sei lá, não é mais você.

– Porra, não dá pra entender...

– É, é complicado. Sabe o que que é? Eu acho que no fundo a mulher fode diferente do homem.

– Mais uma teoria – diz ela irônica e cada vez mais desconcertada.

– Não deixa de ser, mas veja bem: eu acho que quando a mulher se entrega no sexo, ela transa com o que o homem, aquele que está com ela no momento, *representa* pra ela. É essa “imagem” que dá tesão nela, além do corpo, é claro, daquela pessoa. Se está difícil de gozar, a maioria diz que tá difícil, desiste simplesmente, espera o cara acabar, sei lá. “Estou cansada hoje”, “hoje não tá dando”, “vai você”, coisas assim. Por isso que ela só trepa com aquele cara naquele momento. O homem não. Ele transa com aquela mulher, aquele corpo. Quer dizer, ele convive com a mulher pelo que ela *representa* pra ele, mas ele come o que ela é. Sempre. Daí que, se tá difícil gozar, ele pensa em outra, em outras, aquela ali da hora já não interessa, ela já tá ali com ele mesmo... Aí ele começa a imaginar outras, que normalmente ele jamais vai comer, diga-se de passagem! A mulher trepa com uma abstração transformada em corpo concreto, o homem com um corpo concreto ainda que abstrato. Entendeu?

Ela estava num misto de surpresa, desiludida, revoltada e, mais chocante, convencida de que aquilo poderia não ser uma besteira completa. Tateou:

– Isso é meio confuso, meio absurdo...

– Eu não estou generalizando. – Agora ele era parte integrante de sua teoria; o resto inexistia. – Há homens que não fazem isso e há mulheres que fazem. Eu estou só, digamos, majoritalizando.

Ela ficava profundamente irritada – e geralmente vencida – com a constante neologização daquele homem. Mas admitia que o admirava precisamente por isso, porque no fim de contas ela entendia perfeitamente o que ele queria dizer e o que a língua não previra.

– Você quer a prova?

Ela, sem muitas alternativas:

– Quero...

– A mulher tem um limiar de beleza muito baixo. Deixa eu te explicar: você vê muito mais mulheres bonitas com homens feios do que homens bonitos (ou até feios) com mulheres feias. A mulher consegue ver outras coisas no homem, abstrair do seu corpo, sentimentalizar, emocionalizar os defeitos. O homem precisa de algo tesudo: uma perna, uma coxa, um peito, um olho, uma bunda, um rosto, uma boceta mais melada, um cu mais apertado, uma mexida mais gostosa, uma chupada mais eficiente. É claro que não é uma regra geral, mas é por aí. E quer saber? É por isso que eu admiro as mulheres. Eu não consigo ser assim. Vocês conseguem. Vocês evoluíram, nós não. Ponto pra vocês.

Convenhamos, elogiar a mulher nunca falhou, na guerra dos sexos. É um golpe baixo, antigo, fora de moda, ultrapassado, irritante até, mas, para desespero das mulheres, eficaz. Não nasceu mulher que ignore um comentário ao cabelo, aos olhos, ao batom, à roupa, à voz, ou, mais intimamente, à cor do bico do seio, à conformação dos grandes lábios, à sedosidade das coxas, à cor dos pentelhos, sendo que nada bate um elogio ao intelecto, à perspicácia, à inteligência ou sagacidade de uma mulher, qualquer que seja. Um elogio, por fim, bem aplicado, pode não ganhar a guerra, mas desarma a adversária. O resto dependerá da estratégia utilizada.

Não era esse o caso dele. Ela sabia. Do contrário, não estariam juntos havia tanto tempo. Isso era o que talvez a irritasse além da conta. Ela às vezes não conseguia estabelecer muito claramente o limite entre o canalha e o poeta, mas quem consegue?

Tudo, porém, tem seu preço. E o dele, por mera questão de justiça, era o dá cá do toma lá. Perguntou:

– E você?

– Eu o quê? – Ela temia essa hora, a hora em que teria de se expor. Sempre fora assim. Ela precisava urgentemente aprender a se preparar para uma discussão com ele, se preparar melhor antes de propor um assunto.

– Você não tem tesão em ninguém?

– Como assim? – Isso era flagrantemente para ganhar tempo.

– Ah, não desconversa. Não existe ninguém que te atraia? Olha, eu não sou o mais bonito, o mais gostoso...

– Não brinca.

– Eu não tô brincando. Só quero saber. É impossível que você não se sinta atraída por ninguém.

– Atraída como?

– Pô, amor, atraída. Sexo. Tesão. Fala. Solta o verbo. Se abre.

– Não, quer dizer, acho alguns homens bonitos, mas não é tesão...

Ele interrompeu, brincando:

– Nem dentro da minha teoria dos dois tesões?...

– Bom, aí... – Fez uma pausa. – Não sei...

– Fala. Quem você acha bonito?

– Ah, esquece isso!

– Fala. Tá com medo? Eu não falei?

– Pra que isso?

– Fala, é justo. Eu falei, você fala. Se abre.

Ela já estava pensativa desde a primeira pergunta. Ele sabia; daí a insistência. Falou, por fim:

– O Ricardo. Eu acho o Ricardo um tesão. Pronto. – Ela só não conseguia, naquele momento, definir se falara por raiva, indignação, desabafo, reação à insistência, ou se por sinceridade sensual, se é que existe tal denominação.

– O Ricardo? Quem diria... Quem mais?

Era lista que ele queria? Então toma:

– O Marco,... o Luiz,... o Arthur...

Ele interrompeu:

– Esse eu não conheço.

– É o irmão da Malu. Ele é conhecido do meu chefe. Tá sempre lá na escola.

– Ah.

– Mas eu nunca quis dar pra eles.

– É o que eu tô falando desde o início. Não precisa querer dar.

– E eu nunca falei o nome deles trepando com você!

– Porque não quis. – Pausa. – Ou porque não saiu. Mas será que você nunca pensou neles?

Agora era demais. Ele passara dos limites. Esbravejou:

– Cê tá pensando que eu sou uma puta?! O que que cê tá pensando que eu sou?

– O mesmo que eu.

– Como é que é?

– Amor, é só uma conversa. Cê tá exagerando na reação. Você não acha eles bonitos, sexy, atraentes?...

– Não quando eu estou transando com um homem! – Já é complicado falar de sexo; mais ainda quando a conversa chega a esse grau de intimidade. Parece que a pessoa com quem se conversa é um público de cem pessoas. Ela jamais admitiria em voz alta, mas não tinha certeza do que dizia: se nunca tinha pensado em ninguém, se tinha e se esquecera, se tinha e, envergonhada, abolira o pensamento e a lembrança, ou se não queria falar sobre isso, com receio de ter de admitir que tudo era possível. Ele, sem trégua:

– Será?

Definitivamente isso não tinha fim. E ela continuava desarmada. Apelou:

– O que é que cê tá insinuando?

– Nada. Eu me abri. Você pode se abrir. Não precisa ter medo do que eu possa pensar de você. O que eu sinto por você não vai mudar. Isso não é traição, infidelidade...

Finalmente, um gancho:

– Não é traição, não?! Pensar em tirar as calcinhas de uma mulher, admitir que ela é um tesão, falar o nome dela, tudo isso enquanto você trepa com a *tua* mulher? Não é, não!?

Talvez não um bom gancho para um bom argumentador, seguro do que está falando.

– Não. É traição ter tesão no Richard Gere? No Kevin Costner? No Antonio Fagundes?

– Isso é diferente.

– Claro, eles estão longe, quase inacessíveis. Mas é tesão.

– É atração.

– É a mesma coisa.

– Não é!

– É. Me diz uma coisa: você molha a calcinha com o Brad Pitt?

– Não.

– Mas acha ele sensual, gostoso, bonito?

– Acho.

– Você molha a calcinha pelo tal Arthur, o irmão da Malu?

– Não.

– Mas acha ele sensual, gostoso, bonito?

Ele fora cruel. Sua lógica era imbatível e infernal. Ela nunca conseguia se desvencilhar da teia, que muitas vezes era ela mesma que criava. Por isso ela o odiava. Ou amava. Como rebater? Talvez com o óbvio.

– Acho.

– Então?

– Então o quê?

- Escuta, me diz uma coisa: vamos imaginar que o Arthur te chamou pra sair. Com aquele papo cativante, perfumado, um gato. Cê sai?
- Não.
- Fala a verdade. É só pra tomar um chope, conversar, cês tão saindo do trabalho, não é nada demais...
- Aí depende.
- De quê?
- Se eu estiver casada, não.
- Tem certeza? Você não pode ter amigos, conhecer gente nova? Só porque está casada?
- Tá bom. Vamos encurtar. Eu saio.
- Certo. E se o papo for bom, de alto nível, se ele for inteligente, cortês, um gentleman, envolvente, culto, não vai rolar mais nada?
- Não.
- Mas não vai nem passar pela tua cabeça algo pelo menos remotamente parecido com a ideia, só a ideia, de que ele é interessante, bonito, sensual, atlético, seja lá o que for?...
- Tá, pode passar...
- Isso não molha a calcinha, não?
- Não. – Ela mentira. E ela notou que ele notou que ela notou que mentira. Não tinha alternativa. – Tá bom, pode até ser. Mas não quer dizer que eu vá transar com ele!
- Eu sei. Só se você não tivesse ninguém.
- É. – Ele às vezes ajudava um pouco.
- Eu sei. Ou só se você não estivesse bem com esse alguém. – Ele por dentro achava que ela transaria de qualquer maneira, mas preferiu continuar na mesma linha, para não complicar.
- É. – Ele às vezes entendia mais dela do que ela mesma. Ou vinha em seu socorro para não constrangê-la, o que era praticamente a mesma coisa.
- Eu sei. Mas o desejo existiu. A vontade estava lá. Você de certa forma reprimiu. É traição?
- Não sei, eu tô confusa. Você sempre me confunde. – Por um lado, era verdade; por outro, essa história de molhar a calcinha... A mulher não costuma se desvelar tão profundamente nesse assunto de excitação, possivelmente resquício de séculos de repressão. Ela estava insegura: podia ser que sim, podia ser que não, podia ser que não se lembrasse. Ele prosseguiu:
- Pois eu digo que depende. Por isso é que você tá confusa.

– Hein? – A surpresa era verdadeira.

– Depende do que você chama traição. Se traição é trepar com alguém, consumir o fato, fazer sexo, isso não é traição. Mas se traição é pensar em uma pessoa estando com outra, isso é traição.

O que a traiu foi a espontaneidade. Emendou:

– Pensar, admirar só, não é traição.

– Então você não pode achar traição eu falar na Sônia e na Márcia.

O silêncio às vezes é comprometedor e denunciador. Ela optou por não responder. Era muito complicado. Estava se expondo demais. Estava à beira de entregar os pontos.

– Se não é traição, não tem tanto problema. E daí que você não pode ficar puta comigo. Aliás, você prefere que eu transe com você de vez em quando pensando em outra, ou que eu te traia com a outra?

– Sei lá, as duas opções são traumatizantes. E ridículas!

– Não são, não. E sabe por quê? Uma não é traição, a outra é. Simples. Foi você que concluiu.

Uma das grandes qualidades da mulher é a sinceridade. Com ela, às vezes a mulher surpreende o homem, outras vezes o conquista. Desabafou:

– Tem vezes que eu não sei se você é um grande filho da puta ou um gênio. É difícil argumentar com um homem que sabe manipular as palavras. Evidentemente pra obter vantagem, de acordo com os seus interesses, né?

– Isso também vale para a mulher.

– É...

Abraçaram-se no sofá. Ela depositou a cabeça em seu peito e assim ficou durante alguns minutos. Depois se afastaram, mas a mão dela permaneceu sobre a coxa dele. Ele cruzou os braços. Ela perguntou, demonstrando ter assimilado sua “exposição acadêmica”:

– Qual dos dois tesões você tem por mim?

Ele não hesitou:

– Os dois. O de começar e o de continuar.

– Mas se você não tivesse um dos dois, você não me diria, né?

– Acho que não. Mas era bem capaz de não estar mais com você.

– Então pra que Sônia e Márcia?

– Eu já expliquei: tem uma hora que o que interessa é gozar, é acabar.

– E onde é que eu fico nessa hora?

– Não fica. Você já está. O teu lugar ninguém tira. O teu lugar é permanente, o das outras é temporário. As outras são só um artifício, um aditivo, um caminho pra chegar num lugar que só serve se você estiver lá.

A pergunta foi sincera e sem rancor:

– Amor, você sempre transou comigo pensando em outra?

A resposta também:

– Não. É um recurso que eu só utilizo quando eu demoro muito pra gozar. Sempre foi assim. Com qualquer mulher. Gostando ou não. Amando ou não.

O pedido, um tanto óbvio, também:

– Cê me faz um favor?

– Faço.

– Mesmo?

– Mesmo.

– Daqui pra frente, quando a gente transar, eu quero que você me diga sempre que pensar em alguém. Durante ou logo depois.

– Amor, esquece isso. Não tem nada a ver. É uma coisa tão insignificante...

– Não, eu quero. Eu exijo.

– Escuta, vai atrapalhar... Além disso, pode ser pesado pra você, você pode não aguentar...

– Deixa, é problema meu.

– Nosso.

– Não, meu.

Houve uma pausa, ambos medindo as implicações. Dali em diante não teria volta. Era como se fosse uma decisão vital para o relacionamento futuro dos dois. Ele disse:

– Com duas condições.

– Quais?

– Uma: se você pensar em alguém, cê vai dizer também; duas: cê não vai guardar nada e a gente vai discutir tudo a respeito, sempre que acontecer, de lá e de cá.

– Eu topo.

– Então tá combinado.

*

Certas conversas ou discussões terminam, mas deixam um rastro de pensamento que persiste durante dias, uma espécie de perfume que começa a ocasionar uma ligeira dor de cabeça, digamos, uma enxaqueca mental, intelectual ou emocional. Aquela conversa ficara em sua mente, martelando dia e noite, mas curiosamente mais pelo que tivera de inusitado do que por qualquer sentimento de ódio, irritação ou mágoa. Ela não saberia explicar por que, mas tudo a induzia a desconfiar de algo bom, produtivo, interessante, e não algo maléfico para a relação dos dois. Uns três dias depois, já na cama, ela subitamente lhe disse:

– Mas eu tenho ciúme dessas mulheres que vêm à tua cabeça quando você tá transando comigo.

A alquimia presente em alguns casais prevê um certo grau de constante espera pelo inesperado. Por isso, ele não ficou surpreso com o comentário, que, para um observador, pareceria saído do nada e, também por isso, ele não demorou a falar:

– Todo mundo tem ciúme.

– Você também?

– Eu também.

– Mas você não deveria ter ciúme. Você não acha isso traição!...

– Errado. Quem não acha que é traição é você. Eu acho que é.

Agora ela se surpreendera. Sentou-se na cama e encarou-o:

– Como é que é?! Cê acha traição?! Mas e aquele discurso todo pra me convencer que não era?!

Ele permaneceu deitado e também olhou para ela, dizendo:

– Eu não quis te convencer de nada. Eu falei que tudo depende do que você considera traição. Você admitiu que pensar em outra pessoa durante o ato sexual, ou fora dele, não é traição. Melhor pra você. Fica mais fácil de administrar a situação.

– Cara, eu tô chocada! Então eu entendi tudo errado.

– Não, nada disso. Cê entendeu certo, só que você pensou que eu também pensava como você.

– Peraí. Deixa ver se eu tô entendendo isso direito: o cara que me diz que não tem nada a ver pensar em outras mulheres quando transa comigo, eu, teoricamente a oficial, que nessas alturas eu já não sei se sou, o que sou, quem sou, puta merda!, esse cara me convence...

Ele interrompeu:

– Convince, não!

– Tá bom, me induz a pensar...

Ele interrompe ainda outra vez:

– Induz, também não. Eu só te ajudei a concluir por você mesma o que você acha que é traição.

– Tá legal. Esse cara, que me ajuda a decidir na minha cabeça o que é traição e, vamos repetir, que não vê problema nenhum em pensar em outra pessoa durante uma trepada, esse cara vem me dizer que acha isso traição. E que teria ciúme se isso acontecesse comigo!? Ah, vai tomar no cu, com a tua teoria babaca, cara!

– Escuta, amor, sem baixar o nível. Veja bem, é fácil de entender. Eu não disse naquele dia que achava ou não isso traição. Cê também não perguntou...

– Ah, essa é boa – diz ela, interrompendo, irritada –, e se eu nunca perguntasse, cê também não ia dizer, não é isso?!

– Provavelmente. Mas olha só: a conversa daquele dia tava em você, não em mim. Como tá em mim agora, eu posso até falar.

Ela estava desconcertada.

– Olha – disse ele, conciliador –, eu sei que você vai rir, mas eu acho que existem dois tipos de traição...

– Ah, não, essa não. De novo com os dois tipos, não!

– Eu falei que cê ia rir, mas é verdade...

– Puta que pariu, eu não mereço isso!... – disse ela, no fundo achando que aquilo começava a ser uma grande gozação dele.

– Olha só: há dois tipos de traição. Mas antes disso tem um parêntese. Primeiro a pessoa tem que decidir o que é traição pra ela. Sem isso, não dá pra continuar, a pessoa fica perdida, confundindo tudo. Bom, aí você decide o que acha e o que não acha traição. Esse é o problema: as pessoas não fazem isso. Aí tudo vira traição uma hora, nada é traição outra hora, é uma zona total. Bom, aí você tem que decidir o que é traição e o que não é. No nosso caso – gesticulava, professor –, pra você, traição envolve toque, ato sexual, premeditação, encontros etc., não é isso?

Pronto. Agora começava a sessão de dialética socrática, que tanto a emputecia, só pensando assim. Respondeu, entrando no jogo:

– É. É isso.

– Então. Isso é traição pra você. Pensar não é traição. Olhar na rua não é traição. Certo?

– Certo de novo – suspirou.

– Olha, se você quiser, a gente para – disse ele, notando o suspiro de enfado.

– Não, não, continua.

– Então, tá. Bom, pra você traição é isso. Pra mim, tudo, absolutamente tudo é traição. Fim. Pensar, olhar, desejar, falar, telefonar, imaginar, encostar, tocar, dedar, trepar... Tudo, tudo é traição. Se for outro ou outra que não o que está ali naquele momento, é traição. Pra mim é isso, não há discussão.

Ela estava admirada.

– Eu tô admirada. Que discurso machista é esse agora, porra?

– Não é discurso machista, é só uma forma diferente da tua de entender a traição. Mas deixa eu continuar. Aí sim, depois de decidir o que é e o que não é traição, vem o que eu disse antes: há dois tipos de traição. – Ela se deitou e ficou atenta. – Tem uma traição que impede o relacionamento e tem uma traição que não impede o relacionamento. Agora, isso depende de cada pessoa, do grau de tolerância à questão da traição. Uns toleram mais, outros menos. Uns toleram tudo, outros nada. É simples. É só entender o mecanismo. Se bem que isso é meio teoria, na prática é foda, mas aí já é outro assunto.

Ela estava interessada e curiosa para saber até que ponto ele se exporia. Agora era a sua vez.

– E onde é que o pesquisador do sexo alheio se coloca? Como fica o seu ciúme.

Ele permanecia calmo.

– Bom, você perguntou se eu achava que pensar em outro na hora do sexo é traição. Eu acho. Só que eu acho que esse tipo de traição não atrapalha o relacionamento, a não ser que seja compulsivo, sempre, toda hora, todo dia. Se você sair com outros homens, seja para o que for, eu também vou achar que é traição, lembra?, tudo pra mim é traição, mas aí eu vou achar que é um tipo de traição que atrapalha o relacionamento. Não sei nem se eu aceitaria. O meu grau de tolerância é baixo. Mas pensar, embora eu considere traição, eu não vejo como um problema grande. E antes que você diga, eu vou dizer: é cômodo, é muito cômodo. Sabe por quê? Porque na minha cabeça é um tipo de traição que não dá trabalho. Se eu quiser comer alguém, se eu achar que alguém é bonita, interessante, sexy, qualquer coisa, eu posso, entre aspas, comer essa mulher, sem deixar de comer você, entende? E sem ter que me relacionar seriamente com outra mulher, ou outras mulheres. Aí sim, poderia atrapalhar o nosso relacionamento, você poderia não aceitar, eu teria que optar...

A única coisa que ela poderia fazer naquele momento era interromper.

– E você tem vontade de se relacionar com outra mulher? Eu atrapalho?

– Não, amor, eu já disse que não. Se eu tivesse, já teria feito. E do modo como eu falei, parece que é sempre, e não é. Isso é só às vezes. Mas no fundo você tem que concordar que é uma boa terapia, fuga, drible, artifício, mas no meu pobre entender, eu me preservo, preservo você e preservo o nosso relacionamento. Porque eu gosto de você, e não das outras.

Ele se virou e passou o braço por cima dela.

– Tira a mão. Sai daí. – Ele tirou, mas ficou de lado, olhando para ela. – Você é engraçado: fala, fala e depois vem com carinho. Porra, cara, cê dá cada porrada...

– Amor, foi você que quis ouvir...

– Mas foi você que começou a falar nome de outras mulheres na cama!

– Tá bom, mas olha só, veja o lado bom da coisa, a gente acaba se conhecendo melhor.

Ela não conseguiu evitar o sarcasmo.

– A gente e mais uma porrada de gente, né? E em detalhes!...

Ele riu. Ela também não resistiu. Ele passou o braço sobre ela outra vez. Ela não resistiu.

– E o ciúme? – lembrou-se ela.

– Ué, eu tenho ciúme. Se você olha para alguém na rua, eu tenho ciúme; se você fala de alguém, eu tenho ciúme; e se é isso que você quer saber com essa conversa toda, se você falar em alguém durante uma trepada, eu vou ter ciúme também! É lógico. Mas é uma coisa que eu é que tenho que controlar. É um problema meu. Se não controlar, aí é o caos. A relação vai pro caralho. Cê não vai trabalhar, estudar, sair com ninguém, e por aí vai.

Aquele homem não existia, pensou ela. Mais uma vez, crápula ou portento, ele a convencera. Era verdade, tinha de admitir. Podia não concordar, e não concordava em tudo, mas eram argumentos de peso. Era uma boa teoria para lidar com um problema sério. No entanto, o instinto de sobrevivência nos mares tormentosos da discussão não permitem baixar a guarda tão rapidamente. Falou:

– Eu acho que no fundo cê tá inventando essa história toda pra se livrar daquela noite que você falou os dois nomes, mas, tudo bem, tem alguma coisa que presta nisso tudo.

– Pior que é exatamente como eu penso, não tem invenção nenhuma. Talvez eu nunca tenha tido oportunidade de comentar a respeito, mas eu não tô inventando, não. Eu tô é com sono.

– É, eu também. – Fez uma pausa. Discutir coisa séria cansava muito. O que a desagradava um pouco era ter de passar por aquilo tudo, o desgaste, a atenção, será que era preciso? Trepar não era tão complicado assim. Tinha de ser com ela! Por outro lado, não deixava de ser um aprendizado. Ele tinha razão: na pior das hipóteses, serviria para que eles se conhecessem melhor. Foi pensando nisso tudo, sonolenta, que falou: – Doido.

Se ele ouviu ou não, ela jamais descobriu, mas ele dormiu. Ela também.

*

Nada é mais frustrante para uma mulher do que ter seu gozo interrompido. Quem já não teve o membro literalmente dobrado, numa saída imprevista de dentro da vagina, devida a um movimento mais brusco por parte de um dos dois? A dor desta dobra, no homem, não se equipara, nem de longe à decepção da mulher, se ela estivesse quase chegando lá. É traumático para ela. No caso em pauta, não saiu por acaso; nem por premeditação. Aliás, não saiu. Mas ele parou, depois de um insight magnífico, cuja origem ficou perdida em meio ao turbilhão de pensamentos inerentes à boa prática de um ato sexual. E parar, para a mulher, equivale a retirar. O grande requinte de crueldade consiste em falar algo, o que quer que seja, após interromper o ato, ou retirar o membro de dentro da mulher. E ele falou.

– Amor, eu tô pensando na perna da Sônia, de minissaia.

Ela não sabe o que dizer, interrompida que foi e ultrajada pelo comentário. Lembra-se das conversas que tiveram a respeito e fica quieta. Ele continua falando.

– Posso continuar pensando alto?

Sem outros argumentos, pelo imprevisto da situação, ela se entrega, mais curiosa do que concordante.

– Pode.

E ele, gradativamente aumentando o ritmo e a intensidade das estocadas:

– Eu tô passando a mão na perna dela. Ela tá apoiada na mesa da recepção, a saia dela subiu um pouco, dá pra ver um pouquinho da calcinha. Eu tô enfiando o dedo por dentro da calcinha dela e descubro que a boceta tá molhada. Aí ela encosta a bunda em mim e diz “tira a minha roupa”. Eu tiro a dela e a minha e começo a comer ela por trás. Aí eu sinto aquela bocetinha melada e ela pede mais... – Ai, amor, eu tô quase gozando, pede pra eu te foder gostoso, pede...

Ela já não sabe se ele se dirige a ela ou à Sônia. Sem saber bem por que, atende:

– Me fode, me fode gostoso...

– Ai, eu tô gozando!... Eu tô gozando!...

*

Ainda continuam na mesma posição, ambos calados, sexo dentro de sexo, ele exausto, relaxado, ela pensativa, semichateada, magoada. Ele fala:

– Amor, e você?

Ela resolve se entregar de vez. Pelo menos, como ele dizia, seria uma experiência nova. E por que não experimentar algo novo com o homem que divide a cama com você? Melhor do que com um desconhecido. Opta por começar pela ingenuidade:

– Eu o quê?

– Cê gozou?

– Agora não.

Ele recomeça a movimentar o membro.

– Então goza. Vai preparando ela. Aproveita que ele ainda tá duro. Vai pensando que eu te amo, que eu te adoro, que eu tô apaixonado, que eu quero te dar prazer, pensa numa foda gostosa, dá uma gozada pra mim, pro teu macho.

Ela ainda tenta desistir. Diz:

– Amor, eu tô cansada. Tá difícil, eu não vou conseguir.

E ele:

– Ah, você sempre consegue, é só tentar, pensa em alguma coisa gostosa, deixa eu sentir você gozando comigo dentro de você. Por favor.

É ridículo, horrível, mas ela está ficando excitada de novo. O processo começou há alguns minutos e ela não sabe se se excita pelo pênis que desliza dentro dela, ou se pelo que remói na mente. Entrega-se e fala de chofre:

– Eu quero dar pro Arthur. Tesão!

Será que ela sente uma parada ligeira naquele movimento do seu homem, ou é impressão. O que importa é que, se foi, foi rápida. Ele prossegue nas investidas e também se entrega:

– Dá então, dá. Dá pra ele com o pau do teu macho.

– Eu dou, eu tô dando, ele tá me tirando a calcinha e dizendo que me ama, que me deseja, que sempre foi apaixonado por mim...

– Isso, prepara essa gozada gostosa.

– Ele diz que eu sou a mulher da vida dele, que eu sou gostosa, ele tá metendo em mim...

– Onde?

– Na minha... – pausa. Ela estava totalmente entregue, a que ela não sabia ao certo.

– Onde?

– Na minha boceta, na minha bunda, ai eu vou gozar!...

– Goza, tesão, dá pra mim...

– Tô dando...

– Dá tudo, dá...

– Tô gozando, que gostoso, ai...

*

– Amor, posso perguntar uma coisa?

– Pode.

– Cê faz o maior jogo duro pra me dar essa bunda, né?

– Cê sabe que eu não gosto muito. Dói.

– Então, como é que você imagina que o Arthur tá comendo a tua bunda?

– Hein?!

– No dia que a gente tava transando, noutro dia, lembra?, você imaginou que ele tava metendo na tua bunda...

– É!?

– É.

– Eu nem lembro. – Pausa. – Quer dizer... – Pausa. – Talvez. – Na defensiva, disse: – Foi você que pediu pra eu fantasiar.

– Eu sei, não tô reclamando. Tô só comentando.

– Não lembro bem, eu tava com tesão. Em você, nele, não sei. Não sei mesmo. Tava meio tonta...

– Ahn.

Ficou pensativa. Depois emendou:

– Meio fora de mim...

– É, eu notei. Mas foi bom.

– Foi. Muito bom.

Houve uma pausa ligeiramente constrangedora. Ele tomou a iniciativa.

– Você pensou no Arthur?

– Cê sabe que pensei.

Foi bom?

– Não sei. Sinceramente. Era como se eu viajasse nele e voltasse à realidade com você. Era estranho. Era ele e era você, ia e voltava. Ou era só ele, ou só você. Eu não sei. Ou os dois ao mesmo tempo. Tinha momentos que eu me concentrava, mas não sei se era nele, em você, nos dois ou em nenhum. Muito confuso. Eu só sei que era fodida. Bem fodida. E gozei. Era um transe. Estranho. – Pausa. – Mas bom.

O coup de grâce:

– Você se sentiu me traindo?

Inebriada, ela respondeu:

– Não. – Pausa. – Sim. – Pausa. – Não. – Pausa. – Não sei...

*

Cada casal tem a sua maneira peculiar de permanecer casal. Uns recorrem a uma ereção eterna, outros a manuais posicionais, outros a designs eróticos de lingerie, outros a filmes pornográficos; uns se veem toda hora, outros se veem pouco, ainda outros mal se veem; uns se estribam nos filhos, outros no trabalho, outros no dinheiro, alguns no interesse; uns procuram amantes, outros diversão, outros vida social ativa; alguns poucos conseguem se basear no diálogo. E foi esta insaciável exposição de motivos que levou os dois a quase um ano de uma ocasional referência ao sexo a três, quatro, a grupo, embora só estivessem lá os dois, regado com uma enxurrada de detalhes e esclarecido com elucubrações pós-trepada. Às vezes mais frequente, outras vezes inexistente, a prática persistia. Houve brigas, é verdade, mas nada que ocasionasse uma ruptura numa relação que atravessava, no mínimo, um período de curiosidade mútua. Havia obstáculos passageiros:

– Amor, já é a terceira noite que você fala na mesma Agatha. Eu tô achando que dessa vez cê tá mesmo a fim de ter alguma coisa com ela.

– Não, amor, eu posso te jurar que não. Mas se é por aí, você andou um tempão falando no teu chefe e nas camisetas que realçam o tórax do cara, pô.

– Nada a ver. Era só fantasia.

– Então. Comigo também.

Havia cobranças:

– Olha, vamos estabelecer uma coisa? Porra, tem algumas pessoas que a gente devia evitar na fantasia. Sabe por quê? Porque a gente vê sempre. Fica até complicado de encarar. Pô, o Henrique tá sempre aqui. Não dá pra pensar em outro cara?

– Amor, isso não tava combinado. Valia qualquer pessoa. Eu também não gostei de saber que você é louco pra comer a bunda da minha irmã. E ela tem só dezesseis anos, caralho! E eu também vejo ela sempre. Se a minha irmã sabe disso!...

E, lógico, havia ciúme:

– Cê tava um saco na festa hoje, hein?! Que que houve?

– Que que houve?! Porra, liberar pra pensar no Edgard, tudo bem, quando a gente transa vale tudo. Pô, mas ficar dançando com o cara quarenta minutos, coladinha e depois ainda ficar conversando mais meia hora? Porra, então dá logo pra ele! Não precisa ficar fantasiando. Vai lá e resolve.

– Hum, é ciúme é? Que gracinha!...

– Gracinha é o caralho. E é ciúme, sim. Até parece: você me encheu o saco quando eu fiz aquele trabalho na casa da Aniela. Pegou até mal pra mãe dela, no dia que você telefonou pra saber se eu tava lá e me deu o maior esporro no telefone.

– E não era pra dar? Duas horas atrasado pro cinema, todo mundo esperando e o trabalhador padrão fazendo serão no sábado com a Aniela no colo. Não fode.

– Que colo nada. E o negócio tinha que ficar pronto naquele dia.

– Então não reclama de eu dançar com o Edgard.

– É, mas com uma diferença: a Aniela não tava a fim de mim e o Edgard só não te agarra sei lá por quê. Ele fica te comendo à distância. E agora, nem distância tem mais. É contato direto. Vai dizer que você, inocentezinha, não notou?

– Notei. E é por isso que eu fui conversar com ele no balcão do bar.

– Como é que é a história?!

– É isso mesmo. Ele começou a falar um monte de coisa enquanto a gente tava dançando e eu achei melhor esclarecer tudo ali mesmo com ele.

– Porra, o cara tava te cantando na festa?

– É, eu acho que sim.

– Acha que sim?!

– É, tava sim. Só que quando eu senti que ele tava de pau duro...

Ele agora estava como que possuído. Nas barbas dele? Levantou e começou a andar pela sala. Disse:

– De pau duro!? O cara ficou te sarrando e você não fez nada? Porra, qualé?

– Eu fiz sim. Fui conversar com ele.

– Claro. Depois de uma hora. Ele gozou, por acaso?

Ela precisava se manter calma. Era um código entre eles: um de nós dois tem a permissão de extrapolar, mas o outro precisa se responsabilizar pelo controle da situação. Na próxima a gente inverte. Uma boa política. Ela disse, brincalhona:

– Não deu pra notar. Pelo menos não molhou a minha saia.

– Vai ver cê nem sentiu: cê tava dançando, suando, molhando a calcinha... Misturou tudo!

– Olha a agressividade. Escuta, não fica puto. Eu conversei com ele. Eu falei que eu tava bem com você, que se ele continuasse, a gente ia parar de se ver, ia perder a amizade. Eu acho que ele entendeu, aceitou, eu até falei que ia te contar, pra não ficar uma situação chata...

– O quê! Cê falou pra ele!?

– Claro, eu tava vendo que você tava puto dentro da roupa. – Fez sinal para que ele se sentasse a seu lado. Ele sentou. Ela o abraçou. – Fica calmo. – Foi um pouquinho cruel. Afinal, ele sempre era... – Eu ainda tô só fantasiando. Quando eu partir pros finais, eu te conto. Com detalhes técnicos...

O fato é que o tal artifício parece que funcionava. Ao menos, o sexo resistia, era bom e, não podiam negar, adquirira um certo nível de variação. Seria esse o tempero da vida? Ela admirava aquele homem meio louco, com ideias escalafobéticas, sempre alternando o humor. Ele à noite nunca era o mesmo que fora de manhã. E ela sabia que ele gostava dela. Se a traía, bem, na concepção dela, segundo a teoria dele, não notava. Não. Achava que podia botar a mão no fogo. Tá bom, a mão, não, um dedo. Da esquerda, que era mais garantido. Também, os dois já tinham passado dos trinta e cinco; talvez tudo fosse fruto do amadurecimento, não somente do endurecimento. (Ela riu do pensamento. Por que não era espirituosa assim sempre?) Ela talvez só precisasse de uma confirmação do que ela achava que ele sentia por ela. E um dia ela veio. Após um daqueles infindáveis debates sobre sexo, abraçados, ele disse:

– Amor, posso te dizer uma coisa?

– Pode.

– Sem querer desmerecer as outras, eu acho que não é qualquer mulher que toparia conversar sobre essas coisas, quanto mais fazer. Eu te admiro pra caralho.

Quanto ao caralho, ele bem que poderia ter sido mais romântico. Mas era o jeito dele, fazer o quê? E parecia que fora sincero. Aquela noite, por exemplo, foi uma daquelas em que não precisaram fantasiar com ninguém. A carne presente bastou para o banquete sexual. Tá bom, não foi um banquete; foi, digamos, um jantar à luz de velas.

*

Nada como a melhor amiga da parcela feminina de um casal para dar uma sugestão idiota. Modernamente, esta sugestão envolve a indicação de um psicanalista. Não é a psicanálise que é idiota, mas o fato de ser sempre recomendada (por esta amiga que faz análise porque precisa, mas cujo problema não é nem remotamente semelhante ao de sua amiga!) na hora errada, para a pessoa errada e pelo motivo errado. Foi o que aconteceu. Sandra, sua amiga de infância, ao saber, ainda que por alto, de como os dois resolviam suas pulsões sexuais, sugeriu que eles deveriam fazer uma terapia de casal. Não que ela condenasse a prática, poderia ser inclusive uma coisa boa, mas por que não ouvir a opinião de um especialista? E se isso estivesse contribuindo para melar a relação no futuro? O inconsciente da gente é imperscrutável. Você só percebe as consequências depois do problema verbalizado. O que pode levar anos para acontecer. E o processo é irreversível; uma vez que aflora, é difícil retroceder. Essa era a visão dela. Indicou seu próprio analista e os dois, após muito debate, concordaram em vê-lo. Não sem algumas rugas, do tipo:

– Porra, amor, cê precisava contar os detalhes da nossa vida sexual pra Sandra? Daqui a pouco cê publica num jornal!...

– Amor, a Sandra é minha melhor amiga. E eu contei, sei lá, foi meio por acaso. Além disso, ela só quis ajudar e eu acho uma boa ideia. Se não der certo, a gente sai. Qual o problema?

Marcaram a primeira entrevista, aquela em que o analista vê se aceita o paciente e o paciente vê se aceita o analista, onde combinam o preço e são estabelecidas as regras do jogo psicanalítico (infringidas suas regras, as sequelas são inevitáveis e irreparáveis), e lá se foram.

*

– Bem, eu suponho que já tenho uma ideia do que vocês, vamos dizer, utilizam, para tornar a vida sexual mais, vamos dizer, agradável. Da maneira como vocês apresentaram a situação, não há culpa mensurável de ambas as partes. Deixa eu fazer uma última pergunta: em algum momento dessa, vamos dizer, opção de vocês, a nível de relação sexual mesmo, enquanto casal durante o ato sexual, um de vocês pensou eroticamente, quer dizer, se excitou pensando em alguma pessoa do mesmo sexo?

Olharam-se os dois completamente desnorreados. Jamais tinham cogitado disso! O máximo que conseguiram articular, estupefatos, foi uma resposta dupla, em uníssono.

– Não.

– Nunca.

Ao que o médico, do alto de todo o seu conhecimento adquirido em anos de congressos, workshops, estudos e muita análise, nele mesmo e nos outros, sabiamente retrucou:

– Bem, então, eu lamento dizer isso, mas honestamente eu não vejo a menor indicação terapêutica para o caso de vocês. Da forma como vocês lidam com a situação, não existe nenhuma patologia digna de tratamento.

Nova surpresa.

– Doutor, nada mesmo? – disse ele, ainda confuso.

– Mas doutor – disse ela, mais confusa ainda –, isso é normal?

– Bem – respondeu o médico –, a nível de normalidade, não existe o que é normal e anormal, certo e errado. Os indivíduos estabelecem seus próprios padrões de normalidade e, se eles lidam bem com isso, a situação é normal. Se não, é anormal. Se vocês até hoje não encontraram nada de anormal com a vida sexual de vocês, e eu não encontrei nenhuma indicação disso, não sou eu nem ninguém que vai dizer que ela é anormal. Vocês estão bem. Desculpem a brincadeira, mas eu acho sinceramente que vocês já se trataram, se é que algum dia precisaram de tratamento.

*

Os dois deixaram o consultório mudos, ainda sob o impacto das palavras do médico. Uma cumplicidade de pensamentos decididamente corria entre eles, sob a forma de uma energia de entendimento silencioso. Provavelmente conversariam sobre o assunto mais tarde, outro dia, quem sabe, mas por certo era um dado novo. Mesmo sexo??? Eles jamais tinham pensado naquela possibilidade.

*

Rio, 1998.

Presente

Para M. C.

Tudo o que me ensinaram sobre o amor morreu
Quando te conheci
Nunca me avisaram que o amor transforma o ser
De dentro pra fora
É o amanhã querendo ser agora
Existia o mim antes de ti,
Hoje sou o eu depois de tu
Um homem que deixaste completamente nu
O que dizer da mulher que me vê com olhos que ninguém se arrisca a ter?
Como agradecer a quem me dá tanto prazer?
As palavras são tão antigas
Os sentimentos idem
Talvez a ideia do amor seja mesmo eterna
Irreal
Imaterial
A poesia há séculos se entorta pra descrever o amado para o amante
E tome versos, e tome livros, tratados
Pensamentos em bocados
E tome rimas, e tome asneiras
A língua se prestando a besteiras
Tudo pra tentar dizer que te amo, de modo indito
Inovando sobre todos os poetas, pra conquistar teu coração
Pelo inédito, inusitado, criativo da situação
E tudo é tão antigo
E eu fico cada vez tão mais velho
Tu me envelheces de amor
Tu és a verdadeira figura de linguagem antropomorfizada em minha puta favorita
Meu racional que extrapola, incontido, temeroso de explodir em sentimento indescritível
Sou teu mártir e teu carrasco
Tenho-te amor e infindo ódio
Deixa eu te esfregar na minha memória de nossos encontros tão fugazes
Te sentir o cheiro à distância e evocar tuas poucas palavras tão loquazes
Sinto que estou amarrado em tua aura para sempre
Que teu corpo me pertence em toda a pele e orifícios
Em todo som que dele exala
Não concebo te deixar, não admito que possas me abandonar
Mas até isso é tão antigo
Tantos já o disseram a tantas outras desejadas
Só queria ter o poder de decifrar o amor de uma mulher
Ter a certeza de que ela é o meu bem-me-quer
Confirmar minhas suspeitas, pelo sim ou pelo não
Mas a mulher é tão fechada
Ela é tão dissimulada
Nunca sei se me ama de verdade
Ou se finge que me adora por pura piedade
E por isso escrevemos, todos os poetas
Em linhas tortas, em linhas inacreditavelmente retas
Na tentativa
Na patética e amarga súplica

De ouvir um eu te amo mais sincero
Medir na entonação o grau do teu tesão
Ah se o teu gozo, pelo menos naquele instante, fosse meu
Se o teu arquejar saísse da minha total falta de ar
Queria que sentisses o penetrar de meu sexo com meu coração batendo em sua ponta
Latejando no teu suco e sussurrando melado o meu carinho
Que a melhor mistura é a paixão e o tesão
E o maior amor é a paixão que nunca se acaba, se acabando sempre em rude e violenta esfregação
Queria misturar todas as tuas emoções e confundir teu senso de realidade
Num desespero de dependeres de mim até para a mais impensada banalidade
Tu serias só a memória de mim mesmo em momentos diferentes de nós dois
E enquanto não consigo te roubar a existência para junto de todos os meus dias
Te dou de presente este poema confuso
Fruto de nosso amor excitante e docemente muito sujo
Produto de um poeta tristemente obtuso
Receba-o como medida de todo o meu abuso
Prossigo na vã insistência de tentar te conquistar
Como tantos outros já tentaram
Prossigo na vã insistência de tentar encontrar
As palavras cativantes
Onde todos os outros já falharam
O absurdo de nós dois
Na incoerência da distância do depois
São tão poucas glórias
Para já tantas memórias
De um só aniversário
Desse amor de campanário
Se puderes, pensa em mim
Como um apêndice, um adendo, um anexo, um pedaço
Ou algo assim.

Rio, julho de 98.

BEM*(para M.C.)*

Você me faz bem
É tudo que posso dizer
Menos o mundo me convém
Mais imprescindível o seu querer.

A vida corre, a vida explode
O dia a dia em mar revolto
O absurdo me morde
Em teu abraço estou solto.

Amar é desejar profundamente
É sofrer, é lutar, é partir num eterno retornar
É sucumbir ao ciúme por mais que se o não tente
Seu amor é a prova mais absoluta do que seja precisar.

Dentro de você a vida para
Enxerto biológico de carne em alma gêmea
Nosso amor não se compara
A essência uma do espírito em bruto macho e doce fêmea.

O infinito tivesse e lhe entregava
Comigo dentro, preso, um dourado relicário
E ser pegado, carregado, ansiava
Enrodilhado em você a cada teu aniversário.

Acontece sempre o inevitável amanhã
Com a precisância cada vez mais carente de você
Essa maldita distância é tão malsã
Que, afastados, não percebo a diferença entre a vigília e o morrer.

Você me faz bem
De noite e dia
Só me falta à sua altura um porém
Aprender a escrever uma poesia.

Rio, 23/03/1999.

PEQUENO SENTIMENTO*Pra você,
MC.*

Queria escrever um poema
 Deslizando os dedos em letras arranhadas pelas tuas costas
 Em braille geográfico explorando as dobras de tua pele
 Queria que entendesses pelo toque os versos que ditasse com as mãos
 Teus olhos fechados
 Traduzindo em sensações dentro de ti todo o meu pequeno grande sentimento
 Ah que bom seria sentir de perto esse cheiro seco e denso de suor pós-sexo satisfeito
 Tua respiração, teu coração batendo dentro da pulsação de minhas mãos
 E o desejo que se renova gradual aumentando a pressão do toque já em teus ossos
 O dedo que se arrasta malandro e desce e chega perto e foge outra vez
 E se aproxima novamente nas cócegas do quero mais de novo muitas vezes
 O centro do teu meu amor
 Molhado já não sei mais de quê
 Se de sexo, suor, champanhe ou saliva sensual
 Te excitar mais uma vez prometendo e não cumprindo a ameaça
 Te deixar louca querendo na certeza de que terás mas na incerteza do momento
 Mentir fingindo calma, controle e um carinho desmedidos
 Pra de repente pular em cima de ti e te violentar saborosamente com teu prazer entre o susto e o tesão
 Te comer com volúpia com meu coração espetado na espada que te fura a carne suculenta
 E gemer e gritar e te ouvir
 E acender e irritar e te sentir
 E escorrer e penetrar e te cobrir
 Com esse meu corpo louco de paixão
 Perdido e desvairado de um amor descabido e dividido e poluído e podrido e dolorido
 Mas que te adora e devora com um carinho especial e quisera eu transcendental
 Que não me percas tu de vista
 Que eu esteja sempre em tua lista
 E mais que tudo
 No fim das contas fico mudo
 Te quero e te quero tanto
 E sigo para sempre te amando
 Te provando e te pensando
 Com saudade mesmo antes de partir
 A verdade mesmo com a necessidade de nos mentir
 Te divido, te empresto, mas não quero te perder
 Quero eternamente gozar desta fogueira a me arder.

Minha vida por um dia
 Contigo
 Eu não sabia
 Que este nosso amor
 Era já
 Tão antigo.

Eu penso tanto em te falar
 Até mesmo em te levar a passear
 E quanto mais teu amor me pune
 Mais esse pequeno grande sentimento nos une.

Rio, 1999.

SAMBAO GOVERNO

Eu pago imposto o ano inteiro
De janeiro a janeiro
E quando ando pela rua
Vejo a cidade toda nua

Falta guarda, transporte e luz
A única coisa séria
É a puta que me seduz

A coisa aqui é meio lerda
Às vezes a gente se segura
Pra não achar
Que este país é uma merda

Eu ando mal co'a m'ia mulher
Eu quero sexo, ela não quer
Pago pedágio no astral
E o dízimo espiritual

Tudo aumenta e minha casa é alugada
Peço aumento e o que recebo é uma porrada

A coisa aqui é meio lerda
Às vezes a gente se segura
Pra não achar
Que este país é uma merda

Eu voto no cara porque acho
Que tudo vai mudar
Me engano na vez mil
Mando o cara pro Brasil

Meu sogro diz que eu não presto
Que eu falo palavrão
Meu chefe acha
Que eu sou da oposição

Eu pego o telefone
E ligo pra tia Bina
Atende o taxista
Que faz ponto na esquina

A gente fica na fila
Enorme da Prefeitura
Reclama, gasta e xinga
E ainda leva uma dura

A coisa aqui é meio lerda
Às vezes a gente se segura
Pra não achar
Que este país é uma merda

O povo aprende e fica crítico
 Óbvio que reclama do político
 Só que a coisa é organizada
 Pra tudo dar em nada

BREQUE

E eu me sinto uma besta; a gente come mal, fode mal, ganha mal, estuda mal, passa mal
 E é tratado como um verdadeiro animal;
 A rua tem buraco, ladrão e violência;
 O Congresso tem larápio, babaca e indolência;
 E é capaz de o poeta aqui tomar um processo pela cara e pela bunda
 Por dizer a verdade que todo mundo sabe que é triste e imunda

FIM DO BREQUE

A coisa aqui é meio lerda
 Às vezes a gente se segura
 Pra não achar
 Que este país é uma merda

Eu poderia ainda falar
 Da saúde do cidadão
 Mas é melhor eu me calar
 Porque não adianta não

O Brasil tem celular, computador e Internet
 Tecnologia de primeiro mundo
 Só que nada funciona
 E caiu a casa do Raimundo

A coisa aqui é meio lerda
 Às vezes a gente se segura
 Pra não achar
 Que este país é uma merda

(REPETE MIL VEZES PRA VER SE O GOVERNO OUVE)

Rio, 1999.

SEGREDO

Se os homens soubessem o que penso do Carnaval
Decretariam luto oficial
Se as mulheres atinassem com o que as noivas e as peruas me excitam
Da morte atroz que lhes desejo não cogitam
Se o meu trabalho imaginasse como vejo a Diretoria
Sumariamente ele me demitiria
Se você sentisse a concupiscência que meus olhos te dirigem
Você teria toda a vergonha e o medo de uma virgem
Quando o mundo souber que eu faleci
Talvez dedique um minuto ao que escrevi.

Rio, 1999.

Copyright

LIBERA VITA*Ao Ezechiel Decote*

Ah! Foi neste barco
Que meu coração descreveu o arco
De que fala Chico
E choroso fico
Ao me lembrar do mar
Velas fazendo o veleiro singrar
Por mares fenícios
Por vômitos e bulícios
E você a reclamar
Ah meu amigo
Foi neste barco
Que vi a terra do mar
Inversão de entendimento
Eu que só via o mar da terra segura
Não sabia o quanto ela é escura
Vista do mar à noite
Qual a dor sob o açoite
Ah! Foi neste barco pequenino
Que senti o desejo primal
De descobrir
De chegar e de partir
De vento e calma
Da noite negra e claro dia
O motor para, a vela sobe
O sol queima, o sal me arde
E as cracas que rugem sem parar
E eu custo a dormir
Não sei se do medo de ficar a balançar
Ou se da paranoia de voltar a trabalhar
Enquanto isso, me entrego ao luar
Ouvindo as ondas a quebrar
E saber que fui primeiro
Tua amizade por inteiro
Ah! Foi neste barco
Onde teu sonho mais acalentado vive
Ah, Zicky, dentro do teu sonho estive.

Rio, 1999.

IMPROVISO VITAL

Envelhecer não é propriamente sentir a falência dos órgãos
É constatar que o mundo mudou
Que a gatinha te chama de senhor
Com comiseração
E a tua comichão
Na hora da verdade não se traduz em rígida ereção
Envelhecer no fundo é se sentir deslocado
Na boate, entre os jovens, de sunga e tênis
É não ter certeza da linha tênue entre o sexo e o amor
É tirar puta da zona
E achar que a mulher da tua vida é a vizinha matrona
Envelhecer é se espiritualizar
Ver fantasma na hora do jantar
Pensar na morte e na masturbação
Gozar com um olho na reputação
Envelhecer é criar na fantasia a história dos frequentadores de um bar
É constatar ter sido parte da história
De alguém, de um povo, de um país
Do mundo
No fundo
Envelhecer é não morrer por um triz.

Rio, 1999.

Copyright

SHUTTLE

Oh if my words could say
What my heart in pain
Grieves through the day
Demonized absolution
Poetical intrusion
And the world keeps on turning
While my heart keeps on burning
In vain
Again.

Rio, 1999.

Copyright

MEROS DETALHES DA EXISTÊNCIA

Ah! a infância da fase adulta
 A incoerência, inconsequência, eloquência
 O absoluto, o imponderável, a maledicência
 O calor de Ipanema no frio da Islândia
 A noite cultural que termina amarelinha em Cinelândia
 O terno e o vestido
 O emprego e a ambição
 Ah! jovens se soubessem o que eu sei
 Não se aventuravam no desafio da paixão
 Endeusando o sacrilégio do tesão
 Que dura a vida inteira
 Desde a foda primeira
 Sendo a beleza o egoísmo de quem ama
 E a atração o heroísmo de uma trama
 Que no fundo leva ao nada
 O que se leva da vida é o que nela se deixou
 Disse o profeta, saiu na chuva e se molhou
 Que a chuva é molhada
 E molhado é o sexo
 (De verdade)
 (Sem idade)
 O bom sexo não sustenta um grande amor
 O grande amor passa bem com pouco sexo
 Que sempre rima com o da existência fraco nexo
 Confundindo o coração com todo o plexo
 Solar
 Voar
 Pra longe
 A vontade coibida
 De ser monge
 Tibetano
 Gregoriano
 Que os monges são iguais
 Imorais
 Se de menos ou de mais
 E gargalha o Deus onipotente
 Ante o ser humano incoerente
 Visto que o dignifica
 E ao mesmo tempo o vilifica
 Quem mais gargalha mais insatisfeito é
 Troca a enganação pela mais sincera fé

Poema escrito em pedaços
 Anacrônico em suas partes
 Rimadas nos do tempo espaços
 Filosófico em suas meias verdades.

ESGOTAMENTO

*(Aos psiquiatras semi-históricos
(Aos gnomos feéricos
(Aos poetas periféricos
(Aos leitores esotéricos*

Fico cansado quando escrevo
A poesia me consome
Como pagando o que devo
A quem lê e fica insone.

Rio, 1999.

Copyright

MPB

Meu coração é uma travessia
Miltoniana
Que disfarça uma agonia
Superbacana
Djá vão os nazareths
Se fundindo no afoxé
Skankaro meus ouvidos
Aos paralamas dos zunidos
E às claras reginas nuas nunes
Que abalam os costumes
O piano, uma aziaga
Nas mãos da grande gonzaga
Que gonzaquinha gonzagãonizou
No arquimerengue imbecilizado do xuxaxôu
Mesmo um grande leonardo
Que jamais será um bardo
Cataliza as origens
Do ancestral, do pastoral
Do frei maurício dominical
Enquanto fabricam no espelho
Os versos rudes do barão vermelho
Partem-se os mundos
Na música torpe-fun dos raimundos
A guitarra de um torquato
Invoca o zumbi do mato
O boy do blues a pantomima
A amelinha calcinha embaixo e em cima
Que me deprime e me azucrina
Da índia ao fetuccini
O terço e o venturini
Sempre noel mistificando
Enquanto a barca vai singrando
Rita que me tiras do marasmo
Sacudindo a bossa com roberto e erasmo
O peixe se entrega ao lobos
Sivucando o hermetismo do lobão
Made in brazil luluzando o santo jaime
Sagrado coração do delmiro ajudai-me
Um mariano com hemoptiso nos teclados
Gismonteando o contrapeso ao popnejo de egos inflados
Deodato na cama de gato
São décadas de paixão
São anos de devoção
É a história de um país
Samba, choro e forrozão
Roque, jazz, bossa e imitação
Maracatu, frevo e baião
Ah! Canta! Música de uma nação.

presq'au delà*inspirado pela morte de Dias Gomes*

Toda minha obra será póstuma
Isso eu já assumi
Disso já me convenci

Seja linda ou seja bosta
Foi o que pela vida senti
Fui me escrevendo e parti

É um epitáfio solene
Para um poeta obscuro
Uma letra no universo
Uma flor sobre o monturo

Deixo os sons
E a mulher
Levo um aceno
Qualquer

Foram tantos os suplícios
E tão poucas alegrias
Como sói ser ao poeta
Que só a morte aquieta

Lá se foi o pensamento
Se tornou em letra morta
Como último momento
Constatação: ninguém se importa.

Rio, 1999.

MC DEFINITIVA

Penso em você
E vem a saudade
Você não me vê
Que maldade

Você é casada
Eu sou solteiro
Você pensa em mim
Eu sinto seu cheiro

A vida escorre
E degradingola
Seu poeta morre
E você me enrola

Quero você pra mim
Num sonho incrível
Já sei, nosso fim
É o sonho impossível

Eu sei que sou bobo
Não falo coisa com nexo
É que você resgatou
O meu amor e o meu sexo

Diviso à frente
Um grande futuro
E vejo a gente
Destruindo o escuro

Te penso com raiva
À uma da manhã
Onde você estava
Minha hortelã

Que refresca m'ia boca
E me faz a colheita
Minha mulher muito louca
Que me ama e me espreita

Meus versos se acabam
No desligado do seu celular
Nossas memórias exalam
O cheiro de muito se amar

Que tudo passa
Que tudo termina
Eu lhe confundo
Você me alucina

Ah, mas é isso mesmo que deve ser o amor
Uma necessidade incrível de se ver
A total e irremediável ausência de pudor
A infundável premência de escrever

Sinto a cada minuto a vontade nefasta de te amar
Espero no inesperável que venhas a me raptar
Invento e recito uma prece desesperada
Não me abandone jamais
Minha doce amada.

Rio, 1999.

Copyright

SINA

Only three women have touched my heart:
Uma é caso perdido,
Vai se casar;
A outra é bem casada,
Não vai se separar;
A terceira não existe,
Só posso imaginar.

Rio, 1999.

Copyright

Mãe

Minha tristeza não é por te ter perdido
É por ter feito o que fiz pra você
É por não ter feito o que não fiz por você
Porque a dor da perda a gente mata
Mas o arrependimento nunca acaba
A perda é natural
Arreponder-se é infernal
Tenho pensado tanto em você
Não sei por que
Talvez porque você tema por mim
Por eu viver assim
Tão largado
Tão abandonado
À mercê de minha sorte
Aguardando a minha morte
Tão por aqui
Tão Dali
Te agradeço mãe, por me buscar
E deste lugar maléfico me tirar
Me levantar
Me aliviar
Vivo num mundo só meu
Que até hoje não me convenceu
Ah, Sibeles com esse, ah Suzanna, ah Cris, minha vítima
É tanta gente que me procura
Viver no fundo é uma loucura
Aguentei o que pude
Represei o açude
Mas o fluxo da vida antecipou minha ida
Já contribuí bastante pra essa vida sofrida.

Rio, 1999.

Antes do Fim
(Não desista de mim)

Peço perdão pela gente
Por este homem doente
Que te ama sem saber dizer
Um estranho jeito de te querer

Peço perdão por gastar nosso tempo
Em frases vazias ao vento
A falta de sexo, o beijo sem nexo
A vida que passa em nossa pirraça

Ah essa juventude irregular dos quarenta
Meia-velhice ranzinza que impaciente
Um amor que é amor sem tirar nem pôr
Peço perdão pelo verso assim meio sem cor

O problema é que a vida só passa
Em meio ao dinheiro, ao cansaço e ao medo da rua
O amor não espera e fica sem graça
Perdão por ter esquecido a delícia que é você nua.

Rio, 1999.

Copyright

Ainda*para S.*

**Maybe the hardest thing I've ever done
Was to walk away from you
Leaving behind the life that we'd begun
I split myself in two**
(Lowell George/Jackson Browne/Valerie Carter)

Nossas vidas correm paralelas em rios heraclitianos
Desaguando numa única memória de um passado quente
E a despeito de tudo, recente
Nem vinte anos de distância cauterizada
Nem parceiros de vãs tentativas no preencher da ausência
Nem filhos nem dinheiro nem trabalho nem ricas bibliotecas
Nenhuma borracha apaga as linhas mal traçadas da vida intensa de nossos ex-momentos
Te ver ainda é um grande tormento
A solidão do desvairado pensamento
Esse inexplicável sentimento
Que pressinto no brilhar do teu olhar
Fugindo de me encarar
O toque furtivo que bruscamente se arrepende
O beijo rápido ralo propositalmente burocrático
Palavras breves que evitam detalhar as sensações
Que evocariam o excitar das emoções
Te gostar ainda é um fato
Um fardo irresolvido
Um pedaço de passado que insiste numa sombra invisível e pesada do presente
O meu presente se ressentido da falta de você
Meu dia se eclipsa e morre na lembrança de trejeitos e sorrisos
São momentos fugazes
São visões contumazes
Uma dor atroz
O arrependimento de não ter seguido o fluxo natural de um destino lógico a teu lado
Me recolho em catarses verbais
Em versos revolutos e revoltosos
Numa gosma desconexa que ensaia a captura de algum entendimento
Recolher ideais de um vomitar palavroso e escabroso de ideias isoladas
As palavras são ciladas
Para recordações até então exiladas
Banidas de nosso viver cotidianamente em separado
Me permito divagar em desvario poético-absurdo
Em mudo sofrimento de te pensar tão longe e perto de nossa impossibilidade
Sou neste momento a mais pura
Mais sincera
Mais íntima vazão de minha própria sensibilidade incompreendida
O macho ferido pela perda
Da fêmea e da companheira
Do não saber como seria, como teria sido,
Como poderíamos ter sentido
Vivido
Nos comprometido em nos viver a cada dia mais incrustado um no outro
Ah, mas éramos tão jovens

Tínhamos direito a nossa própria inconsequência
 Minha insegurança conseguiu sobrepujar a tua sensatez
 E tu, sempre anos-luz à minha frente, te retiraste do ar à minha volta
 E desde então me sinto abafado sem explicação
 Uma ânsia, uma inexplicável insatisfação
 Um bater diferente do coração
 Sempre que te vejo me vêm imagens truncadas, sobrepostas
 Queria tanto te falar, te tocar, te abraçar
 Discutir esses assuntos
 Tentar encontrar tuas respostas a minhas elucubrações
 Minha existência ainda está presa a tua pessoa
 Tua voz ainda é uma canção que em meu ser ecoa
 Tento expirar estas palavras na insistência de encontrar algum tipo de razão
 Meus versos se engajam no afã incontrolável de elaborar toda a nossa condição
 A nossa confusão
 A cada olhar fugidio que me depositas tenho a impressão meio vazia de que não estou só na interpretação
 [de nossos fatos]

Sou a minha própria solidão
 Um único, longo e interminável pensamento em todas as facetas de nós dois
 Tenho ganas de indagar
 De perscrutar a tua alma
 De investigar a tua aura
 De reviver tudo que ainda não vivemos
 Criar novas metáforas para ti
 Examinar essa nova pessoa em que te transformaste inevitavelmente
 Me entregar a tuas expectativas
 Conviver com teus pecados, defeitos e senões
 Te me dar a conhecer
 Ainda tenho acesa nossa chama
 E meu ser ainda te reclama
 É tudo que sei por agora
 Algo me diz que ainda vai chegar a nossa hora

Pode ser que tudo não passe de uma fase de carência
 Afinal o que não se tem exacerba o desejo egoísta da conquista
 Pelo sabor de conquistar
 Reconquistar
 Por outro lado é tudo muito forte, muito intenso, muito vivo
 Nosso amor parece ainda ativo
 Muito ainda alude à nossa interação
 Ainda queria ficar na chuva abraçando teu corpo molhado a tremer
 Brigar com tua irritação
 Odiar as tuas críticas a minha incoerência
 A minha impaciência
 Será que nos tornamos muito diferentes?
 Indiferentes?
 Será que ainda podemos ser nós dois em quarentões?
 Vivemos uma época toda nossa
 A política, a falta de dinheiro, uma outra era
 Tivemos nossas canções, o nosso sexo inexperiente, incipiente e gostoso
 Seguimos abandonados um do outro

Foi bom
Sentir a falta que faz o nosso som
Vibrando num só tom
Mas onde estará nossa continuidade?
Ah, que reencontro que seria
Nossa noite despontando em lindo dia
Ainda quero desfrutar de teu contato
Tentar me equilibrar numa vivência com esta nova mulher que se criou em ti
Descobrir os segredos que não conheci
E todos os outros que tiveste de guardar
Ao longo destes anos
Sinto que ainda há uma muda paixão no intervalo de nossas vidas
Ainda quero me abrir para tua inspeção
Aprender tua lição
Criar versos tolos para teu aniversário
Cometer atrocidades em teu corpo de acidentes geográficos já tão bastante navegados
E que ainda desconheço
Quero frequentar tua solidão
Te encher o saco
E te ligar sem o mínimo motivo
Não, não, o sexo seria só o prêmio do prazer de estar a teu lado
Ainda te quero num querer holístico e intensivo
Parte a parte de ti a formar o nosso todo
Tenho pensado tanto em teu carinho
Um pensar tão gostoso e tão maduro
Um querer que já desceu de nosso muro
Te transformei em meu mais caro sonho de consumo
Meu ópio, meu álcool e meu fumo
Ainda te quero
Ainda te desejo
Ainda espero te comprar com o meu beijo
Te torturar com uma lambida no nariz
Te dar de presente toda essa poesia
De sentido tão vazia
São os versos que nunca te escrevi
Sempre senti e não soube exercitar, te dedicar
Ainda quero transformar a nossa vida em um belo poema de amor
Te viver em mim intensamente
Rir com a leveza de tua alma
Chorar com meu coração em teu olhar
Ainda quero mergulhar no rio caudaloso de tua vida
Ainda temos tempo
Ainda te amo, só não sei quanto
Ainda decifro um quê de romântica afeição quando me olhas de soslaio
Eu finjo que não noto
Que não percebo que me estudas
Que tentas montar o quebra-cabeça do que ainda não pudemos nos dizer
Tua reconquista definitiva é meu grande desafio
E desta vez vai ser assim
Eu vou a ti
E tu vens a mim
Irreversivelmente

Quero te mostrar o que aprendi com outras mulheres
Quero ver o que te ensinaram os outros homens
Ainda quero ser teu macho
Meu maior e único concorrente
Ainda quero esquecer de todas as outras
Dentro do teu corpo a me querer
Enquanto isso me derreto todo com a mais remota probabilidade
De acabar de vez com essa saudade
O pensamento em ti ainda me domina
Tudo em ti ainda me alucina
Eu que colhi meio sem querer tuas primícias
Ainda vou usufruir do envelhecer de tuas delícias.

Rio, 1999.

Copyright

Ainda Mais Que Nunca*para S., de novo.*

É como se tudo tivesse sido premeditado
 O finalmente deste reencontro tão adiado
 Tantas vezes evitado
 Por tantos anos desperdiçado
 É como se o passado nos invadissem outra vez
 Adultos engatinhantes a tremer abraçados no frio da madrugada
 Enquanto todos dormem
 Insuspeitos que somos
 Álibis um do outro que sempre fomos
 Os beijos que calcinam
 As palavras de amor que alucinam
 Como antes
 Como sempre
 Ainda nos divertimos com o que eles pensariam se nos vissem
 Ainda rimos com as furtivas armações
 As tolas pós-elucubrações
 E o frio madrugado, madrigal, medicinal
 Que me faz tremer
 Não sei se de frio, de medo, de desejo ou de alvoroço
 Infantil que adoro me tornar enquanto beijo teu rosto inflamado
 Poderoso que me sinto enquanto caminho ao teu lado na estrada de barro enlazarada
 Ainda provooco teus empurrões que me trazem mais pra perto de teu corpo
 Enquanto invado com a mão o reduto alagado que tua calcinha tenta em vão de mim proteger
 O quero-não-quero
 Ninguém pode nos ver
 Estamos depois da curva
 O deixa-não-deixa
 Nossos gemidos de prazer se traduzindo em nossa eterna queixa
 De sermos dois corpos separados e não um
 Incrustação de alma em corpo
 Penetração de corpo em mente
 Dissolução do ser que sente
 Amálgama cataclísmico de dois vulcões em um único enredo sensorial
 Isolado dos aconteceres desimportantes do mundo em volta
 E deixamos o sexo pro dia seguinte
 Dia que ainda passa lento
 Como nos velhos tempos
 Os olhares ora longos, ora escondidos
 As combinações, preparações, subterfúgios
 As libações, tensões e sentidos dúbios
 Mas a noite salvadora chega e nos redime
 O momento, o dia, a noite seguinte
 O corpo, a alma, a mente pedinte
 De todo o tempo gasto em nos apartarmos, aprontarmos
 Ainda mais do que nunca me delicio intrusão dentro de teu corpo
 Ainda me excito sem parar com o som de tuas entranhas
 Ainda me fazes mais homem teu homem cada vez que me puxas mais interno em todos os teus poros
 E tudo ainda termina na paz da leveza de corpo e de alma suados e lavados
 Pela distância do tempo-espaço que se anula em nossos eternos reencontros
 Já foram tantos

Ainda conseguimos ficar saciados um do outro
 Ah, que ainda mais do que nunca te quero
 Pra dizer e pra foder
 Pra sentir e pra fremir
 Pra começar e pra acabar
 Pra descansar e pra recomeçar
 Ainda quero te falar de meus planos inviáveis
 E me irrita com as tuas idiossincrasias
 E me preocupo com tua existência, teu dia a dia
 Ainda mais do que nunca quero ser eu mesmo em você mesma
 Nas horas cheias e noites vazias
 Até que se acabem nossos dias.

Somos a morte de nós mesmos
 Se distantes
 Somos o unir de nossos termos
 Se amantes.

E que tudo se acabe na cerveja
 No céu de tua boca em fogo
 Nas estrelas que me afagam
 Quando você me beija.

O tom ufanista é alegria
 O dia a dia sem você é agonia
 O que sinto é total epifania
 Que mal e porcamemente transformo em poesia.

Amar você apresenta um problema somente
 É que o mundo contém a nós dois
 E a mais uma porrada de gente.

*Rio, 1999.
 après Penedo*

500 Anos

O mundo gira
E a gente é que enjoa
Do videokê desafinado
Do aluno desinteressado
Do amor que não vem
Da cara-metade que não se atreve a te reconhecer
A polícia que te faz de refém
O político que no fundo deseja te esquecer
Insistimos num mundo perfeito
Onde o mais esquerdo é direito
Mas mal feito
Oh Senhor, que nos abandonaste a nossa sorte
Com Freud vivendo a vida só porque esperando a morte
E o artista e o artesão e o pintor e o escultor
E a criança pulando tão alheia, mero insone ardor
E a vida que se esvai num dos vários desvãos da dor
A menina de sainha se mira na modelo
Adulta, sensual, experiente e gananciosa
O pai se destila num eterno alambique
A mãe se rotula avec le politique
O público se delicia nas frustrações tão incontidas
O artista se retrai na vontade de falar irrefletida
O mundo gira
E a gente se embriaga
O salário é o mesmo, o dirigente um animal
500 anos de um pesadelo tão real
Muda o dia, o mês, o ano e a tecnologia
Muda o nome, o cargo, o dinheiro e a filosofia
O positivismo da bandeira
Dá lugar à banda insana da nojeira
Pós-modernismo televisionado, pagodeado e futebolizado
Aloucadamente inteligível e faustosamente imbecilizado
A net globalizada recai suas asas sobre nós
A pobreza irremediável se mantém em aposentados avós
O tempo passa e o sexo continua
O homem branco ainda estupra a índia toda sua
Uma rosa, ele oferece
Não, obrigado, não merece
A conquista foi fajuta
A monarquia uma mulher astuta
A república sempre puta
E aqui estamos nós, a ensinar, a redigir, a sonegar
Seres acantonados, objetos a vagar
Esperando a solução
Resolvendo a equação
A cesta básica que é um absurdo
O mais audível som do surdo-mudo
O caos é aqui
No cais
No mais
É sempre mais um dia que fica pra trás

O tempo passa, o mundo gira
Mas a mulher ainda é submissa
O homem ainda pega a chave e vira
E a nação ainda é omissa
Bala perdida
Flecha partida
Neoliberalismo e denúncia interrompida
Que o mundo roda
E o Brasil continua a mesma pombagira
Culpa os deuses pela foda
E insiste em ser cego na alça de mira.

Tudo o que eu quero
É uma bunda
Uma calça bem apertada
E uma alienação profunda.

Façam pagodeiros
Uma música p'resse verso
Que esta é a era da casca
Da indústria do inverso.

Rio, 2000.

Copyright

Personae

Razão e coração
Um do outro a exceção
Um do outro a sua própria contradição
Sublime combinação
Um do outro seu domínio equilibrado

Racional e emocional
Um o controle intelectual
Outro o mergulho abissal
Heterônimos da Pessoa mais primal
Um do outro o complemento desejado

A técnica e o artista
O fado e o fadista
O normal e o escapista
O letrado e o futurista
Um outro nosso sonho inconquistado
O ser vacila entre as duas
O poeta tem seu verso segredado

A razão é a máscara da emoção
A emoção rasga a roupa da razão
Comportada, laboriosa a razão
Safada, libidínosa a emoção

Correr e devorar
Sentir e desarvorar
A diferença entre dar e se entregar
Sentir com o pensamento é um eterno preparar
Pensar com o sentimento é o ébrio voitar extasiado.

Rio, 2000.

Nosso @mor tem um cheiro tecnológico
E no entanto meu tesão ainda é totalmente biológico
O mundo moderno
A guerra de terno
Uma corrida desenfreada
O tempo cada vez menor
A quantidade cada vez maior
Rapidez, economia, interesse, lucro e agonia
Loucura, bulimia, magreza, pobreza e solidão
O amor sumiu
Em plena vida aprimorada
Clico-me na net e descubro outro universo
Aglomerado de personalidades de sabor diverso
Nas salas a terapia, a frustração e a busca do ideal
Admirável byte novo na velocidade de um novo mundo
Cérebro global que se satisfaz no sexo virtual em um segundo
Interrompo meu e-mail pra atender o celular
Um bip me lembra da teleconferência
Pra tudo se acabar numa infecção virótica
Desastre inominável em nossa vida robótica
Laptópica
E no meio do caos
Lembro que ainda pulsa certa vida em minhas veias
Mero detalhe
Logo deletado por pixels de stress
Our life is becoming a real mess!
Como pode nosso @mor sobreviver?
Com todo esse muito pouco tempo pra dizer
Tudo que um coração semibiônico sente por você?
Um homem parcialmente corrompido pela enganosa modernidade
Um ser constantemente dividido entre a gulodice e a falsidade
Redescobri o meu @mor na Internet
Não sei se isso me alegra ou entristece
Nosso namoro é platonicamente interurbano
Tenho receio deste @mor não ser humano
Existe um segredo filosófico
Perdido em alguma memória randômica
Uma esperança de que nem tudo está perdido
Uma certeza, uma vaga partícula de sentido
É nosso @mor explodindo em bomba atômica.

Rio, 2000.

Saudade

A saudade dói
Porque no fundo é a falta de uma parte
Que não está
A saudade é ácida e corrói
É estar com os pés na Terra e a alma em Marte
O lá que não é cá

A saudade é alegre e triste
O inevitável que resiste
Um orgasmo que não vem
Um milionário que não tem

Saudade é arte, imaginar
O ser se desfazendo em mal-estar
A quintessência atroz da agonia
E por isso essa vontade de chorar.

Rio, 2000.

Copyright

Doação*para V.B.*

Poema não se pede
A poesia brota do poeta às vezes como a erva das rochas
Lenta, externa e rasteira
Titubeante e faceira
Outras vezes é como um parto que de uma só vez expela o filho tão querido
Afogueado, desejado e sofrido
O poeta se inspira nos mínimos detalhes
O verso vai surgindo como água de nascente
São desejos mais internos, aspirações menos cotadas
Uma roupa, um cabelo, um escritório ou uma lufada de ar
Uma palavra, um gesto, um riso ou uma mesa de bar
Nem todo verso é subliminar
Um poema é como o amor, partes que se unem
Versos que se encadeiam em imagens visionárias
Pinturas frescas de situações imaginárias
Um verso entra pelo outro como os corpos dos amados que se enlaçam com paixão
E no gozo da unidade fazem o sentido mais completo
A busca da explicação da existência
O nexo contraditório da saciedade na abstinência
O amor pode muito bem rimar com dor
E um lindo verso pode ser até muito perverso
Eu rimo a saudade, a amizade e o prazer
Neste poema simples que fiz para você.

Rio, 2000.

Copyright

Cheverny*para Rô*

Te amo como um amador
Que não sabe o que fazer com tanto amor
E isto bastaria
Não fosse o emaranhado de sensações que me invadem
Enquanto você dorme
E dorme
Enorme
Em significado
Que não sei se já amei
Tanto assim
Ó amor, eu não sou digno de que entreis em minha casa
Agora entendo!
Amar é filosofar
É falar, é brigar, é sobretudo sentir
Sentir muito
Como todo o jamais sentido
O Universo se define claramente em um mero instante de prazer
A vida toda se explica em um olhar
O segredo da existência humana se torna evidente a um toque de mão
Sei não...
Amar demais é um problema que nem sei!...
É pensar que não pode acabar mal eu comecei
E tudo já dura uma existência
Uma eternidade pregressa
A duração infinita do amor
E tome teorias
E tome explicações
Enquanto velo teu sono nestas pobres exclamações
!
Não sei se já amei
Não sei o que é o amor
Só sei que se ele existe
Ele é nosso e de mais ninguém
O meu olhar resiste no teu
Na submissão de um ateu
Que acredita no deus do teu porvir
Que sonha cada minuto com o te sentir.

Rio, 2000.

Amor e Tesão

O amor tem um jeito interessante
De se insinuar no coração
Arromba a porta sem pedir licença
Destrói e aniquila qualquer crença
Arroja, enaltece e testa a emoção
Transforma o ateu em humilde amante
A vida é corrida
O mundo desafia a paciência
Um beijo inesperado
Ofusca os resultados da ciência
E a saudade que protege da traição
E o desejo que dignifica o tesão
Ah, que tudo é tão confuso
O ser humano tão obtuso
Mas sobra a vontade de falar
De dizer eu te adoro
Em meio à competição desenfreada
No redemoinho do mundo moderno
O absurdo do século atenuado por um carinho terno
O trabalho te arrasa, te reduz a quase nada
E latente está a paixão que resgata a chamegada
Há uma esperança
Para o caos urbano
É a abastança
Do amor arcano
Abdicando o ser da paúra, do estresse e depressão
E se entregando a uma grande paixão
Que o amor no fundo
É ser só dedicação
Sentir, doer, guardar, esperar
E acima de tudo a coragem de se entregar
Um viva ao amor sobrevivente
Ao ser caliente
Um brinde ao redescobrir da vida
Àquela que vale a pena ser vivida
Ao equilíbrio necessário entre a modernidade
Inevitável
E o delicioso beijo no navio
Inestimável
Que tudo se resume no tesão
Se combinado com a razão
Um eu te amo só tem valor
Se for regado a muito amor.

Rio, 2000.

Pra Tu

Pensar em alguém
Prerrogativa de poucos
Um nexo, porém,
Entre amantes e loucos

Viver a vida pode ser um acontecimento mais alegre
Andar com mais desenvoltura
Sentir com mais orgulho de sentir
O ser que se envolve é o ser que se pensa ser parte
Integrante e complementar
O lado que falta ao outro que sente falta do um
O um metafísico, o um que se basta
O de fora que entra e se engasta
Enxerto de seivas em caule duro e cheirando a natureza
Viver no pensamento de alguém é a mais pura beleza
O, do amor, ideal
A essência mais explícita do surreal
Pensamento espontâneo
Um do outro o conterrâneo e o sucedâneo
A surpresa inesperada
A realeza conquistada

Pensar em alguém
Dádiva e dom
Obsessão que faz bem
Um absurdo de bom

Poder pensar em alguém
Sinal de estar vivo e alerta
O mais íntimo que não se contém
E explode em paixão recém-descoberta

Pensar em alguém
Pra vida corrida um novo sentido
Um passo além
Um grito que jamais deve ser contido.

Rio, 2000.

Comentário

O amor é a essência da vida latente e pulsante no ser
A grande dúvida entre colocar os pés no chão e se entregar ao prazer
Amar é estar atento, alerta
Com a porta aberta
Vibrando na pulsação do outro
Transformá-lo em objeto e sujeito do gostar
Usá-lo ao mesmo tempo em que a ele se entregar
Amar é desejar, é acarinhar, é gozar
Amar é se deixar apanhar pelas armadilhas do querer
Um querer sem fim, egoísta, calculado e subcutâneo
Planejado, alternando com o rompante espontâneo
Quem ama possui a alegria infinita de ter
(E se esbalda no êxtase do amor)
Eternamente invadida pela ameaça de perder
(Que se traduz em pungente e atroz dor)
Amar só tem sentido na dominação absoluta do amado
Em plena liberdade do se dar sem ser requisitado
Ah se os jovens soubessem como é doce a posse da entrega
Como é triste não sentir uma saudade profunda, interminável
Sentir que se entrega gratuitamente a alma
A quem jamais mereceria
Em troca da ilusão de se ter encontrado a paixão ideal
Em troca de um momento que jamais se repetiria
A busca insaciável de uma possibilidade irreal
Na verdade quem ama quer terminar a procura
Em boda de intensidade inigualável
Com o pano de fundo da cultura
A retocar os detalhes da aparência irretocável
Quem ama se entrega e não pensa
Quem ama se machuca e não se emenda
Quem ama faz arte e jamais se arrepende
Que amar é a arte do professor que sempre aprende

E por falar nisso
Que de tempo em tempo
Abandonemos a filosofia
Bombástica e que não leva a nada
Em prol da carne, do desejo e do tesão

Que também é isso
Que por todo o tempo
Mantém viva a sintonia
Fantástica
Da vibração sincronizada
A fogueira viva do sim do outro em nosso não.

E Agora?

O que que eu faço com a saudade de você?
Onde coloco todas as lembranças do prazer?
Esse teu corpo que geme sem se mexer
Essa voz que me excita sem querer
Meu ar recende todo ao teu ser
Meus dedos, minha boca, tudo se recorda do teu cheiro
Do teu gosto, um desejo infantil de quero mais
Hoje sou o antes e o durante que resta na saudade do depois
E em pensando quero devorar o pensamento de você
Irrecuperável momento
Inextinguível tormento
Tua não-presença confunde as horas da existência
Tua ausência se funde nas bordas da querência
Se a distância não fosse tanta
Se o tempo não existisse
Eu iria te encontrar
Eu queria tanto te falar
A saudade é um bicho temperamental
Ora se encolhe de felicidade
Ora se debate em atrocidade
E enquanto o tempo passa sem que eu possa fazer nada
Gasto meu tempo em linhas traçadas com desejo
Espero esse tempo ingrato e sem amor
Trazer de volta aquele teu suave beijo
A saudade quando é grande
Vai mudando de tom e de teor
Se transforma em falta de uma parte e se expande
Até num terno encontro mudar em deleite toda a dor.

Que a saudade é ruim
Isso ninguém contesta
Mas quando ela acaba
Ah, que bela e gulosa festa.

Rio, 2000.

O Tempo e os Amantes

O tempo conspira maliciosamente contra nós
Numa incoerência atroz
Quando juntos vai voando
Separados passa caprichosamente devagar
O tempo é a morte dos amantes
Inimigo arquetípico milenar
O tempo no fundo tem inveja do amor
Existe nele mesmo num egoísmo insano e exagerado
Enquanto o amor se dá, se entrega ora a um ora a outro apaixonado
Tempo, tempo que nem no vento se desfaz
Deixai os pobres amantes apaixonados em paz
Não apressai as despedidas, não acirrai a saudade incontrolável
Permiti ao menos uma justa igualdade na presença e na distância
O coração de quem ama não se pode sujeitar às vicissitudes temporais
O amor tem em si próprio a essência das virtudes intensas e imorais
Que pra quem ama o imoral é mera variação da castidade inviável do ser
Que não mede tempo nem espaço, que fere a dor com aço
Que se exaure em sol a pino, sem um qualquer mormaço
Ah tempo! Se amasses serias mais conivente com o tempo dos amantes
Mas és só, somente só
Tua temporalidade não é fêmea, é teu nó
Mas tempo, ainda assim, dá um tempo mais curto na distância
Que me separa do meu amor
Não deixa esse longo tempo acelerar a nossa dor
Que a dor da separação de quem ama é pungente
Tempo, voa rápido agora, vai embora!
E descansa quando chegar a nossa hora.

Rio, 2000.

UM FAX LIGEIRO E TRIGUEIRO*Para Agelice*

São rostos anônimos que passam por mim
Numa sucessão interminável
São ideias malucas que se tornam projetos
E minha alma sente um desconchego insuportável
O mundo se destila em horrores cruéis
Que me fazem ter pena das marias e dos manuais
Tento rimar a vida com a bebida
O labor com o favor
Mas acabo me perdendo na solidão da contramão
Minha loucura me atrapalha muito pouco
E é por isso que dizem que sou louco
Os meses me acompanham aumentando e me lembrando do meu fardo
Não deixando que felizes acasos me confundam a existência
O ser que sofre sente e quem sente aprende
A não ser o ser que será não-ser
Já não me satisfaz peidar na igreja e quebrar as convenções
Brindar ao diabo e esporrar nas multidões
Me soam falsas as emoções desmedidas e as operações bem sucedidas
Prefiro a rouquidão de filosofar dentro de minha vã e imodesta convicção
A voz do mundo vai se tornando um arremedo de clareza
Me sinto mais fêmea em meio a toda essa macheza
Que no fundo é ingênua, insegura e singela
Remoto eco de poder mandar pôr o bife na panela
A violência se espraia em meu notívago dia a dia
E reverbera em algo próximo de consentida agonia
Viver é ir se conformando e apelando à ilusão
Com o tempo se perde a fúria e se abandona a discussão
As coisas começam a se parecer com as próprias coisas
Não é a demência que leva ao suicídio e tampouco o desespero
Mas sim a constatação, a certeza de que todo ano tem o mês de fevereiro
Tudo que digo é absoluto e verdadeiro em seu maquiavélico absurdo
E ao mesmo tempo relativo em matemática sintonia com o som da cor azul
Tejo que te quero Tâmis
Londres que te quero Rio
E assim me abandono pulverizado em sensações que ninguém vê
Perdido em intuições e profundas descobertas que ninguém lê
Ensandecido de razão e de certezas em que ninguém crê
Envaidecido na nobre tentativa frustrada de dar sentido ao universo
Minha letra é minúscula, meu assunto é marginal
Na essência, a poesia é só um reprimir momentâneo de um choro bestial
Não desejo mais morrer, só desaparecer
Não desejo envelhecer, somente me abster num suave fenecer
Enquanto o sonho aderna e o ser fica à deriva
Vou beijando lábios úmidos e criticando a humanidade
Vou velejando na tormenta e justificando a improbidade
Cada vez mais tenho rompantes e reações desencontradas
Ora choro e ora rio, ora é quente e ora frio
Tenho sobressaltos e alterações bruscas de humor
No linguajar erudiscente e imprestável do doutor

Nem minha loucura tem sustância
Pra me tirar dessa eterna irrelevância
Vou adormecendo lentamente na irrecuperável perda de sentido
E nas migalhas que me restam de meu louco pensar irrefletido
Só nunca acaba esse maldito elucubrar
Será o meu fim o meu próprio aprender a começar
Já fui mais irreverente e de mente mais fecunda
Hoje me contentaria em entrar num restaurante
E comer uma bela bunda
De donzela cozida ao sol de boa família
Não mais me apraz arrotar em público
Só desejo me entregar ao material e ao lubrifico
De vez em quando, pois ainda tenho muito a fazer
Alimentar bem minha loucura de pensar se transformou em meu único prazer.

Rio, 2000.

Copyright

A vida é tão pouco pra viver um grande amor
Um grande amor é tão intenso pra monotonia da vida
Quem ama por uma vida é altruísta
Quem vive por um amor é um artista egoísta
Que deseja o seu prazer
Na quintessência de outro ser
O mundo se repete a todo instante
O trabalho, a rotina, o acordar
O amor se repete não obstante
A certeza, a renúncia, o dedicar
A linhagem do amor tem pedigree
Um eufemismo exuberante do destino
O acaso, que bobagem, de um encontro
É o absurdo da realidade de algo pronto
Morrem os políticos, agonizam os doutores
Desistem os criados, onanizam-se os pastores
Fogem as polícias, organizam-se os levantes
Conceituam-se teorias, eternizam-se os amantes
Que o amor é eterno se verdadeiro
E o temor é perene se mosteiro
A vida tem cor
Quando se tem amor
Existe o mundo, existe a vida, o que se deve fazer
O ser moribundo, a lida, o que se não pode ter
O dinheiro, o carro
A igreja, o escarro
Perdão, meu Senhor, eu amei
Pra todos os efeitos eu pequei
O mundo condena quem se arrisca
Mas se esquece do poeta que trisca
E da criança que rabisca
Eu amo porque senti o chamado
Você é o meu ser amado
Te amo porque você é a fada
Da minha vida que não dava em nada.

Eu e você
Absurdo.
Nós dois
O tudo.

Rio, set/2002.